

921

Carrié & Bioguet
Paris 1860



191

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Memoria

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Memoria

1818

di. 1818

Felice
Miguel
Pietro
Giovanni
Antonio



1818

Antonio
Miguel

Boiard & Bicoquet

Comedia em 3 actos.

88

Personagens.

- me.* + Bicoquet = fabricante de pastichas *Y. Delmas*
me. + Thimoteo Fargassier = adjunto do *Maire* + *M. Fargassier*
me. + Arthur Elbalgachon = *Monteiro*
cardeiro Dr. Jemino = advogado *Cardel*
Ferr. Dubonnet* = barqueiro *A. Ferr.*
me. + Bente* = empregado na *Medicina*. *Albanyer*
me. + Um empregado *Antônio Monteiro*
me. + Ludovina Tringlot = atalajadeira *Barbosa*
me. + Eliza = filha da *Sra. Tamerlan* + *Tamerlan*
me. + Theodora Tre* = mulher de Fargassier *P. Ferr.*
me. + O *Sr. Tamerlan** *Sr. P. Manteiga*
me. + Clara* = mulher de Dubonnet *P. Ferr.*
me. + *o Sr. N.* *Silvino*
me. + *o Sr. M.* = *atua* } *Sr. Thymon*
me. + *o Sr. H.* } *V. Fargassier*

A scena passa-se em Thibourville - em *Fr.*
actualidade.

Acto 1.^o

Interior da estalagem de Thebouville - sur-
Seine. Porta de entrada no F. - A. E. 3.^o por-
ta de vidros, com o letreiro: "Willmar. - A. D.
grande abertura por onde se vae para o
quarto dos hospedes. Ao F. D. buffete com restos
de comida, Fr. - esteca a D. e E. cadeiras.
O livro dos viajantes, e finteiro sobre o buffe-
te. Um movel ao F. a E. da entrada.

SCENA 1.^a

Bento, depois Ludovina.

Ben / sentado à D. e' cahro. Elle um jornal.

Vamos lá a ver o que diz hoje o correio
de Thebouville. "Bulletin politique. Nada;
de politica estou en fante todo o dia como
secretario da mairie. A deante. Pé! "Gaspar
o bebedor de sangue. Folhetim. - "Romances;
isso e' bom para a menina Eliza Tamer-
lan... Essa e' que engole romances como
eu bebo copos d'agua. 'bu cá prefiro as
novellas, os crimes verdadeiros, os crimes
que acontecem a valer. D'isso, sim, d'isso
gosto muito! faz-me arripicar todo, e ficar
de cabellinhos em pé! Vamos lá a ver se
o noticiario vem alguns. Pé!

Lud. /porta da D. e porta F. dentro/ Did
offeem sempre dois frangos no espeto: no com-
bojo das 6 e meia podem vir alguns viajan-
tes...

Ben.

Oh!

Lud.

O que é, sr Benito?

Ben.

Outro crime em Pont-Cornet!

Lud.

O que? outro já? Dois crimes em 15 dias.
Não tem os nossos irsinhos.

Ben.

Ouca, sr Ludovina, ouca.

Lud. sobe ao fuffete F.D.

Espreme ali. Deixe-me primeiro beber um
copinho de cognac... para não me as-
tustar muito. /bebe/

Ben. /apto/

Podia tambem offercer-me um, sr Ludovina!

Lud. — duas = 2. = 2.

Bom. Não lá, leia. /porta m/

Ben. /porta/

"Comunicaram-nos de Pont-Cornet: um
"novo crime acaba de sobresaltar esta pa-
"cata cidade: Hontem a morte na b

^{em contramão}
"Trada do pé da igreja, no cadaver de
" um homem que se suppõe pertencer
" ao sexo masculino.."

Lud.

Que se suppõe? Então elles não averi-
guaram o sexo do homem?

Ben.

Parece que não. 1.º No cadaver não se
encontrou nenhum indício de crime.
A policia procura activamente o crimi-
noso..

Lud. ~~interrompendo~~ ^{ben}

M. ^{interrompendo} ~~interrompendo~~ ^{ben}
Mr. ^{interrompendo} ~~interrompendo~~ ^{ben} Ai! Credo!

Ben.

Estão com sorte, os nossos vizinhos! Dois
crimes, em 15 dias! E nós, aqui, nada,
absolutamente nada! nem o mais pe-
queno assassinio ha mais de 20 an-
nos!

Lud. ^{sent.}

Isso prova que cá na nossa terra, e' tu-
do boa gente.

Ben.

Pois sim, mas os jornaes nunca fallam
de nós! o nome de Thibouville-sur-Seine
não apparece em parte alguma, e um
bocado de reclame não nos faria
mal.

11
SCENA 2.
Os m^{mos} e Arthur. 1. F.

Arthur / Int^o F. Typo de janota da proxim^{ia}
Boas tardes, sr. Ludovina. Adeus, Bento.
Lud. lev.
Viva, sr. elcagachou.

Bem.
Então, menino Arthur, o que ha de no-
vo? Como vão os amores?

Art. 1.º
elcag, Bento, muito mal! O sr. Jamer-
lan recusou-me esta manhã pela
decima primeira vez a mão de Eliza.
Acha que um simples empregado da
maiz, é muito reles para marido
de sua filha.

Lud.
Pobre menino Arthur!

Art.
Deixal-o! Ha mais mulheres no mun-
do! Não hei de perder o animo por
causa d'isso! O que me falta são rapa-
rigas. Demais a mais é a m.^{te} especia-
lidade! elcutheres, vinho, lebres e bilhar,
é cá a m.^{te} coiza; n'isso ninguém

me deita aqua nas mãos! Vou de pe-
dir ainda mais uma vez ao Sr. Ta-
murlan a mão da pequena, para a
completar a duria, e se elle m'a ne-
gar outra vez: que vá pentear ma-
cacos. |

Lud.

laza em outra?

Art.

Talvez... consigo, por exemplo, sr.^a Lu-
dovina. Ah! ah! ah!

Lud.

Não o diga por brincadeira, menino
Arthur: talvez não tivesse de que se
queingar. Tratal-o-hia como tratei
o meu Anastacio. (chorona) Meu queri-
do homemsinho!

Art.

chama-me seu querido homemsinho?
(commoção fingida) Ah! sr.^a Ludovina!

Lud. (tom natural)

Não fallo do sr., fallo do meu defunto.
(chorona) Pobre Anastacio. Com que cari-
nhos que eu o tratei! Tratei-o com tan-
tos carinhos...

Art.

Que elle até morreu.

Lud.

Exactamente. Não.

Ben.
Aque? elle não morreu?

Lud.
elle morreu, infelizmente. ^{sohu}

Art. 12
Então?... La Bente / O Bente, vamos a uma
partida de bilhar?

Ben. ^{lu}
Vamos lá.

Art.
Então ainda para o boteguim. A que
jogamos?

Ben.
A padre nossos, já se vê.

Art.
A padre nossos, a padre nossos! E sem-
pre a reza do costume. Sam / L.A.

Scena, 5.^a F.
Ludovica, sup. Fargassier, Theodora, D. Jesuino

Lud. - só - de modo
Este menino Arthur é um bom rapaz.
é bonito! Ah! que se elle quizesse, tra-
tava-o como tratei o meu quartacio.

Boas ^{noites} tardes, sen.^{ra} Ludovica.

Farg. entra com Theodora e D. Jesuino

Lud.

Oh! s^{rs} Thimotheo Fargassier, e a s^{ra}.
s^{ra} Dr. Vêem tomar o seu cafezinho?

Dr. 4

Como todas as tardes, s^{ra}. Ludovina;
já sabe o costume.

Lud.

O menino Arthur e o s^{rs} Bento já lá
estão com o bilhar às voltas.

Farg.

Vamos fazer uma guerra, todos os di.

Lud. ^{na 4}

A proposito de guerra, os s^{rs} já leram
na gazeta, o novo crime de Pont-Cor-
net?

Todos.

Já.

Lud.

Faz arripiar os cabelos!.. Todo o medo
é que os assassinos appareçam um
dia por ali!.. É tão perto.

Theod.

O que? Em Thibauville?

Farg. ^{antes de}

Pois sabem o que lhes digo; na m.^a
qualidade de adjunto do maire, não
se me dava que elles apparecessem cá.

Todos

Como?

Farg.

Já se vê. Na ausencia do mãe, eu é que tenho que fazer a primeira instrucção, e veriam com que limpura e superioridade eu fazia isso, aconselhando-me sempre, já se entende, com a sabedoria profunda do meu imminente amigo, o sr. Dr. Jesuino, advogado retirado, mas sempre eloquente.

Dr. p. l. p. c. m. m.

Caro amigo, quanto a mim, se defendes, se o assassino, salvá-lo-hia, graças ao meu systema. Sabem o meu systema?

Todos.

Exão.

Dr.

"Confesse tudo.." dizia eu sempre aos assassinos de quem defendia a vida contra os ataques da justiça. "Confesse tudo," é o meio de se salvar.

Sub.

é o resultado era bom?

Dr.

Optimo! Condennavam-os a degresso perpetuo... elles iam acabar honradamente a sua vida p.^o degresso... e a sociedade ficava livre d'elles p.^o sempre

Theod.
É muito engenhoso!

Farg. ^{lev}
Elas; enquanto não temos o prazer de
ter um crime na nossa terra... vamos
ao bilhar. ^{Anda}. Theodora, anda mar-
car as carambolas.

Theod.
Não vou, estou cansada; fico aqui um
pedaço. entra e a D.

Lud. ^{sa}
Eu vou - Mez mandar servir o café. sa com
elles & o bilhar / Ed

Scena II.
Theodora, depois Ludovina

Theod. Leí quando vi que de todo se
foram tiras do aljibeira um jornal /

Ah que enfim estou só. Deixa-me tomar
a ver o annuncio. É muito commodo
isto, quando se é assignante d'um jor-
nal, Uma ^{Gr} seria pode corresponder
se com aquella que ama sem que
seu marido suspecte de coisa alguma.
le "Locó a Dora..." Isto quer dizer locar
a Theodora. le "Amanhã t Estação Thi-
bou Y Urg." É claro como agua. Amanhã
t, amanhã a tarde. Estação Thibou, esta-
ção de Thibouville. Y Urg. Y horas urgente.
Não pode ser outra coisa. Chega de Paris
a Thibouville e espera-me na estação. Que

vem elle cá fazer? Não sei, mas assusta-me!
nunca veio a Thébouville. É que se passa por
fora alguma coisa grave? O que será? Não
me preparar p.^o o saber.

Lud. *[entrando]* Act. 1

La' estão todos lá na partida... É uma guerra.
Nenhuma vez isto que é divertido.

Theod.

Não, tenho que dar umas voltas. Diga a
meu marido que pôde jogar a sua vonta-
de; que se não prenda comigo. Até logo. *[sai]*

Lud. *[sai]* E.

Até logo, m.^o sur.^o *[limpa a mesa E.]*

7 *Scena 5.* 2 *Act.*
Ludovina, det.^o Arthur.

Lud. *[sai]*

Estranho hoje a sur.^o Targassier; acho-a es-
quisita.

Arth. *[fazendo o tace]*

O sur.^o Ludovina?

Lud.

La' vou! la' vou!

Arth.

Schio! O sur.^o Tamerlan e a filha ainda não
vieram?

Lud.

Ainda não... ~~Exto~~ Não veem todas as noi-
tes; não são certas.

Arth.

Se ~~os~~ vierem, se vier a Eliza, previna-me
logo.

Lud.

Ai, ai! que está meio pelo beicinho, o meni-

no Arthur!

ARTH.

Não sou só eu, ella tambem o está: estamos ambos presos pelo beico. Tu inspirei a Eliza uma dessas paixões que os romances não hesitam em cognominar - vulcanicas.

LUD.

Elle é tão poetica, a menina Elisinha. Tambem não admira... devora todos os romances que lhe cahem nas unhas.

ARTH.

Ah! é encantadora! Que anjo, sim! Ludovina! que anjo! ~~A~~ ^{rae} quer casar. a com um fabricante de farinhas peitoraes, chamado Bicoquet, que vive em Paris. Imagine Eliza a fabricar farinhas peitoraes... uma mulher que teu todo Bataca!

LUD.

O que tem isso? Pode-se ter lido todo Balzac e fazer farinha. Tu não faço caldos, e não li todo Montepin?

Targ. / dentro / e l.

O Arthur, é a sua ver.

ARTH.

La' vou! la' vou! Eliza chamar-se Eliza Bicoquet. Nunca! La' vou, la' vou! rae / l.

Scena 6.^a

Ludovina, def.^a Bicoquet.

LUD. / lee!

Que enthusiasmo! Como é bello o amor!

Bico / ao F. Traz um pardecus velho, de gola levantada, cabeleira e barba postica, bonet de loutros, e na mão bengala com cartão d'ouro

Noas noites.

Lud.
Um viajante!... As suas ordens, meu caro sr.

Bico
Aqui é uma estalagem, não?

Lud.
Sim, sr.; é mesmo a unicoa que ha na terra.

Bico /apto/
Então fiz bem em me disparear.

Lud.
O sr. deseja?

Bico.
Estou a morrer de frio!... Primeiro que tudo que-
ria um copo de vinho quente.

Lud.
Sim, sr.; ja' lh'o trago; vou eu mesma prepa-
rar-o. /apto/ Parece um drama, este homem. /Boa,
D. A.

Scena 1.^a

Bicoquet. /s'olhando em torno/

Estou só... façamos a barba. /tira o / Buf!... Não
me sei haver com isto!... Respiremos!... /pentea-se
e põe a bengala sobre a mesa/ Enfim, eis-me em Shiton-
ville. Elarguei entrevista a Theodora, ás 4
horas, na estação onde dei a m.^a mala.
A m.^a presença n'este minuscuro logarajo tem
um duplo fim: primo, romper com Theodora;
secundo, casar-me definitivamente com uma
rapariga encantadora, a menina Eliza Tamer-
lan. A situação é exquisita!... exquisita e
completa. Há 6 semanas, tracei conhecimen-
to em Paris, na loja da m.^a Fia, com a 1.^a

merlan e sua filha, que tinham ido lá fa-
zer compras. A bebezinha um pouco selvagem
de Eliza, fascinou-me. Bati aos pés do pai
implorando-me a mão de sua filha. Elle le-
vantou-me e abraçou-me. Estava dada a
mão. D'ali a 15 dias, metti-me no comboyo
p.^o lhes fazer a 1.^a visita de noivo. Fatal com-
boyo que fez desearrillar a m.^a antiga virtude.
No meu compartimento vinha uma ^{Gr.^a} so, e
e muito picante. Eu tenho o defeito de ser galan-
teador em caminho de ferro. Lá fora, em terra
firme, não sou; mas em caminho de ferro,
não tenho nada que fazer, e isso distrahe-me.
Fiz, portanto, o que todo o homem galanteador te-
ria feito no meu lugar. Fui irresistivel, e ao
cabo do 1.^o tunel não podíamos olhar um
para o outro sem corar! Corámos, e então fi-
zemos conhecimento. Soube que Theodora - ella
chamava-se Theodora. Theodora Farjassier,
vivia em Thebouville, e era exactamente como a m.^a
noiva. Fiquei encaustado. Era gravissimo!
Nesse dia não me atrevo a apresentar-me
a Eliza; voltei p. Paris no comboyo de retorno,
e mandei a minha futura sogra um telegram-
ma para a tranquilisar sobre a m.^a ausen-
cia, dizendo que estava com o colera. Mas o
colera não podia durar sempre; como doença
chronica não tinha sido lá muito bem esco-
lhida. O sur.^o Jamerlan reclamava a m.^a
visita official de noivo. Tem sido cartas sobre
cartas... e por fim, resolvei-me a vir, e d'uma

cajaba da matarei d'os olhos... Komperui como
Theodora, restituindo-lhe as cartas que ella me
tem dirigido, e dende cada a Coard, o nome de
guerra, que eu por amor das duvidas, lhe dei
no caminho de Ferro... e se por acaso, ella não
estiver pelos ajustes, se não conseguir fazer ami-
gavelmente o rompimento, voltarei para Paris,
sem que, graças ao meu disfarce, a S.^{ra} Tamerlan
possa suspectar que eu estive aqui. E escrever-
lhe hei, dizendo-lhe qualque coisa; que mon
do cobra, por exemplo... Nem gente!... Voltemos
as barbas. pre. n. as / e sent. i. e. m. da C.

Scena 8.^a
Bicoquet e Ludovina. D. 1

Lud.
Aqui está o vinho quente. pre. n. o na mesa /

Muito obrigado. Bico.

Lud. apto. tendo a bengala /
Oh! que rica bengala! É um viajante que
avêsa... cantão d'ouro.

Bico.
O vinho quente está frio.

Lud.
Em Tibrouville, o vinho quente bebe-se sempre
frio. Eu aqueço-o, e depois deigo-o arrefecer.

Bico.
Então tinha sido melhor servir-me logo vinho
frio.

Lud.
Pois sim; mas não seria então vinho quente;
e vinho quente foi o que o cur me pediu. pre. n. o

Visco. ^{parte 1}
E a na terra serão todos d'esta força?

Luc. ^{que esta em ...} ^{perguntas no livro dos viajantes / F. 49.}
Poderá quer ter a bondade de me dizer o seu nome?

Para que?

E costume.

Visco. ^{parte 1}
Demos-me o meu nome de guerra. ^{parte 1} Bocard
Hypolito Bocard.

Luc. ^{parte 1}
Bocard? Quantos k k tem?

Visco
K K? não tem nenhum.

Luc. ^{parte 1}
Então o que tem?

Visco. ^{parte 1}
elleau! já vejo que a orthographia não é o forte
dos habitantes de Thebonville. ^{parte 1} ^{tem} B C, como
crocodilo.

Luc. ^{parte 1} ^{tem} ^o ^{meu} ^o
Ah! sim, sur! ^{parte 1}

Visco. ^{diestando}
Hypolito crocodilo... Bocard... proprietario
em elbarselha. ^{parte 1} ^{Disfarçemos, disfarçemos}
em tudo.

Luc. ^{parte 1}
Prompto. ^{parte 1} ^{em} ^{um} ^{logar}.

Visco. ^{parte 1}
~~Espero, se Theodora não estiver pelos ajustes,
voto p: Paris sem que o meu futuro sogro,
possa saber de qualquer modo que eu estive
em Thebonville.~~

Luc. ^{parte 1} ^{deme}
Agora vou preparar-me o em quarto.

Visco. ^{parte 1}
Eu ainda não sei se dormirei cá.

Ah!

Lud.

Mico

Sentio um negocio importante a tratar ás 7 ho-
ras. Se correr bem, fico cá; se correr mal ainda
não sei o que farei.

Lud.

Vá de correr bem, se Deus quizer. Eu vou sempre
arranjar-lhe o quarto, e aquecer-lhe a caminha.

Mico

Olhe, se usar com a cama do mesmo processo
que usa com o vinho, não vale a pena ter
esse incommodo.

Lud.

Não, sr.; a cama aqueço-lh'a eu mesma,
e não ha ninguem que saiba fazer tão bem
esse serviço como eu!

Mico

Então, m^{to} obrigado. Olhe, tome-lh'a pelo vinho
quente. /da-lhe o dinheiro!

Lud. ^{parte}

Ah! que lindo animal que elle tem!

Mico ^{segundo na singular}

Vou a m^{te} entrevista, ao meu negocio.

Lud.

Que seja muito feliz.

Mico

Obrigado. Peça a Deus por mim. /saí! F.

Scena 9^a

Ludovina. e Eliza. F.

Lud. ^{saí!}

Tem um ar coquinho, este tal sr. Bocard!
Dir-se-hia que receia alguma desgraça.

Beca a Deus por mim!.. De certo que peço...
Um hospede que parece tão rico e que paga
tão bem! ^{ostranja a minha} Eliza /F/- 2
Adeus, snr. Ludovina.

Lud.
Oh! a menina Elisinha... Nem sustenta? En-
tão a ~~seu~~ ^{seu} ~~rapaz~~ ^{rapaz}?

Eliz.
~~O~~ ^O ~~rapaz~~ ^{rapaz} não vem hoje: nem mesmo sa-
be que eu vim cá.

Lud.
Ah! se elle soubesse! Uma menina vir só
sinha, á noite, a uma estalagem!..

Eliz.
A Sr.^a bem sabe que eu não sou uma mu-
lher como as outras. O ~~rapaz~~ ^{rapaz} quer casar-
me com um homem que eu não amo,
e eu quero casar com o homem que amo.
Esse homem é Arthur, e como sei que Arthur
vem aqui todas as noites, fugi de casa p.^a
ver um instante Arthur. Honi soit qui
mal y pense!

Lud.
Falla como um livro! Oh! o amor! não ha
nada mais bello!.. Eu já cá he mando o
menino Arthur! /see/ &c.

Scena 1.^a 2-3.
Eliza, depois Arthur.

Eliza
Sim, amo Arthur. É um homem quasi supe-
rior. Sem o quer que é. É o unico homem
da localidade, que tem um quer que é de

luminoso no espirito. ^{matr a b}

Arth. /entra sem e faco/ E.A. 2

Eliza!

Eliz.

Arthur! /abraçam se/

Arthur.

É o ~~padre~~ ^{papa?}

Eliz.

Fugi de casa.

Art.

Por muito tempo?

Eliz.

Por tres minutos.

Arth.

Amam-me!

Eliz.

Para sempre! Sou amada?

Arth.

Para toda a eternidade!

Arth. /Beito /beito/

Arthur! Arthur! ai preta.

Arth.

La vou! la vou! eldoro-a! A preta e minha.

pa / E.A

Eliz.

Aqui está o homem que eu amo. Que phy-
sionomia luminosa! É fraca figura; mas
p^a mim, é um Deus! - p. a. 3

Arth. /prostrando/

Eliza!

Eliz. 2

Arthur! /abraçam se/

Arth.

É o seu casamento?

Eliz.

O ~~padre~~ ^{papa?} tem n'ó encasquetado na cabeça.

Arth. /depois de um

Seu mulher é um homem que faz farinhas.

^{Eliz. com exaltação}
Um marido de massas e calorz! nunca!

^{Arth.}
Chamar-se a Sr.^a Bicoquet!

^{Eliz.}
Uma Bicoquet? Eu? que horror!

^{Arth.}
Abraigo o Bicoquet!

^{Eliz.}
Um homem que não tem na cara nada de herico!

^{Arth.}

Enquanto que eu...

^{Eliz.}
Oh! tu! tu és luminoso! Também se o sur não fosse luminoso, nunca o teria amado.

^{Arth.}
Oh! Eliza!

^{Eliz.}

Oh! Arthur! abraçam-se!

Scena II. 78-D
Os mesmos, a Sr.^a Tamerlan, dep.^a Ludovina

^{Tam.}
Oh!

^{Arth. e Eliz.}

^{Arth. separam-se!}

^{Tam.}

Eu já suspeitava que estavas aqui com este ~~bandolero~~ marido.

^{Arth.!}

~~Oh!~~ Sur!

^{Eliz.}

É elle que eu amo!

^{Tam.}

Ja te disse a quem havias de amar.

^{Eliz.}
Nunca! não me tem apresentado senão mi-

Vos sem prestígioz... e vanas do casamento.

Tam.

Homens de posição e de dinheiro.

Eliz.

É por isso que eu os não quero! Uma mulher como eu, que v'os p.^a as registez al cantiladas do Ideal, não pode casar senão com um homem pobre, com um homem que não tenha onde cair morto!

Arth.

É essa a m.^a rigueur.

Tam.

Pronita escolha: podes limpar a mão á parede!

Eliz.

Não limpo a coisa nenhuma! ~~o papá~~ ^{papá} já me fez perder tres casamentos poeticos... a medida encheu! Escolhi agora Arthur e Arthur e o algachouu será meu marido.

Tam.

Seo é que nunca!

Arth.

Vos somos maiores! Temos por nós o coração e a lei!

Eliza

e a poesia e o direito.

Tam.

O que este trecentistas quer é o teu dote.

Arth.

Amé, se eu pudesse abrir o meu peito, fal-d-hia ler no meu coração.

Tam.

Por quero lá saber do teu coração, pelintra e vergonha!

^{Arth.}
Pelintira? Senhor, este pelintira já teve a hon-
ra de lhe pedir 11 vezes a mão de sua fi-
lha.

Tam.

Eu tenho-te respondido sempre com a minha
/de-lhe uma bofetada/

Bofetada

^{Arth.}
Ah! a sua tem já a alma d'uma sogra!

Tam.

Insolente! Espera que eu já te digo a alma
que tenho. /pega-lhe no faceo/

^{Arth.}

Não me toque, ² sua, não me toque!

Eliz.

~~Está lá!~~ Papá!

^{Arth.}

O da guarda! o da guarda! soccorro!

Lud. /entrando/ S.A.

O que vem a ser isto?

^{Arth.}

É esta velha que me está a batter! /pega F. o bilhete/

Tam.

Eu já te digo quem é a velha... tratante!

/pega-o/ S.A.

Eliz.

~~Hei lá!~~ não o desanque! eu amo-o! /pega/

Scena 12.

Ludovina, deff. Theodora, deff. Farganier, e Duboumel.

Lud. /sól/

Oh! como é bello o amor! /torna o buffete/ — F.D.

Theod. /entra S., agitada, apito/

Ah! venho da estacaõ! Que scena! que grande
scena! Elle queria acabar com tudo! Queria
me restituir as m^{as} cartas, e que eu lhe desse

as d'elle. Não estive pelos outros! Em vez de
lhe dar as cartas, dei-lhe duas bofetadas, a-
gataunhei-o todo! Eu não me importo nada
com as cartas minhas que elle lá tem... por-
que não são minhas. Mandei-as escrever
sem assignatura pela m.^a prima Clara, a
mulher de Dubonnel, o barqueiro da barca
da passagem do rio. *ante a E.*

Está já de volta? *Lud. ^{ante a E.} 2*

Já! Meu marido está cá ainda?
Theod.

Está. Olhe, ali vem elle.
Lud.

Ganhei. *Farg. - Lud. 2*

Vamos para casa, então; estou cansada.
Theod. 1

O Thimoteo está cá?
Dubon. ^{ante a E.} 1

Estou. Não alguma novidade, primo Dubon-
nel?
Farg.

Tenho uma grave communicacão a fazer-
lhe.
Dubon. ^{ante a E.} 3

Pois, então, fiquem conversando, que eu vou in-
do p.^a caso. Estou muito moída. Tu vem
quando quizeres. *Theod. 1*

Scena 13.
Ludovina, Fargassier, Dubonnel. ^{ante a E.} 2

Dubon.
Ah! meus amigos... Todo eu tremo ainda!

Lud.
Mas, o que foi? o que tem?

Dubon.
É um deprimimento que eu tenho a fazer, não ao primo, mas ao magistrado.

Farg.
Então, deponha, primo, deponha.

Dubon.
Lá vai. Eu tinha acabado o meu trabalho... tinha passado no barco 3 pessoas para a outra banda do rio. Era já noite fechada na que tempos! Eu disse consigo: Por hoje está acabado o serviço: a estas horas já não passa mais ninguém para o lado de lá; amarrei o barco, e vim por ali acima, a' borda do rio...

Lud.
Mas isto é a cantiga dos cem lizes Souro

(canta)

Uma noite a' borda do rio,
que o verde imperial acoberta.
mesmo junto ao montinho da Rita,
todos vimos passar uma sombra.

Os 3 — era um homem vestido de frade

Dubon. Aus!
Ebau! Eu não vim aqui p.^o cantar! vim p.^o contar um drama!

Farg.
Um drama? Falle, Dubon et c.

Lud.
Falle, homem, falle!

Dubon.
Eu vinha pela margem do rio, quando de repente o meu pé estarrá n'uma coisa. Abaixei-me para ver o que era... Horror!

9
Lud.
Vorr! Far-me arripiar!

Dubon.
Baigo-me para ver, apalpo, e o que apalpo
eu?

Lud.
Um cadaver?

Dubon.
Não. 'isto.' /o bonnet de loutra de Nicoquet/

Farg.
Um bonnet de pele de loutra?

Lud.
eblas, espere ahi... eu conheço esse bonnet!

Dubon.
oh!

Lud.
Ni-o ainda não ha uma hora na cabeca
dum viajante que veio cá tomar vinho quen-
te.

Farg.
oh! oh!

Lud.
Esse viajante chama-se boeard. Quando se
foi embora disse-me: eu tenho uma entre-
vista importante, um negocio a tratar a
7 horas. Se correr bem, velho ficar, se correr
mal não sei para onde irei. Peca a Deus
por mim!

Dubon.
O extraordinario!

Fagar.
Essa entrevista... eblas palavras fúnebres...
este bonnet a beira do rio... tel-o-hão assaz
sinado?

Lud. /atimada/
Ai! meu Deus!... Sinto um frio nas costas
como se estivessem a despejarem-me um

balde d'agua. ^{Bevem!} ^{que as boffas de humo a conge e a}
^{nao tem f. a mesa do D. e f.}
Farg. 1

Um crime!.. Se fosse um crime... Que honra!..
Eu dirigiria a instrucção na ausencia
do maire; e os vizinhos de Pont-Cornet
ficariam de quingo cahido, elles que a-
cabam de ter 2 crimes, em 15 dias, e que
se imaginam já com o monopolio de
todos os crimes. ^{Tom. 6}
Dubon. 2

Primeiro que tudo e' preciso saber se al-
guem aqui conhece o tal Cocard.

Farg.
Sabe o que e' preciso fazer? Vamos para
o bithar... e lá conversamos com os ^{que} ap-
parecemos.
Dubon.

Um crime!.. E fui eu que o descobri!
Farg.
Que pechincha se fosse verdade! ^{saem or. dirin!}

Scena II.
Ludovina, dep. Bicoquet

^{Lud. 1.º}
Pobre mãe Cocard! elle presentia o seu fim
proximo, coitadinho! e por isso disse-me:
Peca a Deus por mim! ^{peca a p. de...}

Bico/entre. F., completamente transforma-
do, sem cabaleira, nem barba. Um cornet es-
coteiro, costume de viagem elegante; mala e a
sua bengala!

Boas noites!

Lúç.

Ah! outro viajante!.. elle e sũr... / Tomara elle a mala

Mico

Arranje-me um quarto.

Lúç.

Sim, sũr; vae p.º o m.º S; o t.º di direita.

Que! Sũr.

Mico.

Ah! que scena! Theodora esperava-me ao pé da estaçãõ, a dois passos do rio. Primeiro que tudo deitei fora a m.ª barba postica, o meu bonnet de lã, o meu ~~casaco~~ ~~paletot~~ ~~vestido~~. ~~Traxia este bonnet na algibeira do casaco.~~ Abordei a questãõ muito francamente. Disse a Theodora que queria acabar tudo para me recolher a um convento. Ella soltou um rugido de fera, arranhon-me, esgatanhon-me, esmurrou-me, estofeteou-me. Não quis dar-me as m.ªs cartas, nem receber as del- la: e declarou-me que me desprezava tanto que não queria saber mais de mim. Santa palavra! e para a firmar deu-me uma bofetada supplementar. Eu, agradeçi-lhe os seus sentimentos de conciliaçãõ... e ella foi-se embora. Fui a estaçãõ buscar as malas, arranji a m.ª toilette, e eis-me aqui com o meu

verdadeiro nome. Viu que para Theo-
dora sou o mesmo que se tivesse mor-
rido, vou casar-me com a Eliza.

Faz favor diz-me o seu nome.

Lud. entra! me fazem o livro a q
que está? sobre a mesa

Anatolio Bicoquet, de Paris.

Lud.

Bicoquet? Quantos K K tem?

Bico. apto!

Esta mulher tem a mania de impin-
gir K K em todas as palavras. apto!
Não tem nenhum K; tem só um L
como Cephalopedes.

Lud.

Cephalopedes? Nunca saberei escrever
esse nome.

Bico.

Dei' ei' que eu escrevo.

Lud. abriu o livro!

Espera, faça favor. procura a folha!

Bico. apto!

Deixa-me voltar para dentro o anel...
talvez ella reparasse n'elle quando eu
era Goard. apto!

Lud.

Aqui.

Bico. enta. re. prende a lenq. ala. do pé da
cadeira! a L

Aqui? entra!

Lud. apto! resta a mesa a mesa

Ah! como elle tem as mãos agatambadas!..

(vendo a bengala) Oh! a bengala de Cocard!... Neo-
nhoco-a perfeitamente!... O que quer isto
dizer?

Bico. p!

Prompto! Ah! a m.^a bengala! / Sudor. da-Uico
Para me pegar, abra machinalmente a chã! Obrigado.

Lud. / ap^{te}!

Oh! traz tambem o anel de Cocard... e vol-
tu-o para dentro para não o conhecer.

Bico.

Agora, traga-me a ceia.

Lud.

O que? O sũ quer ceiar aqui?

Bico. / admirado!

Já se vê que sim!

Lud. / ap^{te}!

Estou a tremer de medo!... Foi elle que ati-
rou Cocard ao rio depois de o ter rouba-
do! Se eu prevenisse os outros?

Bico

Então?

Lud.

Já vae, sũ, já vae. / ap^{te}! Se eu não o vir-
vo é capaz de me estrangular! / a Bicoquet!
Nem já, vem já! / pa! D. A.

Bico. / perda. e a mura da toalha!

Parece que anda sempre a cair das nu-
vens, esta estalajadeira!... bom certeza
que não reconheceu em mim... o Cocard
d'indagora, e ainda bem, e ainda bem,
porque me poderia fazer alguma trapa

Nada com a minha sogra e a m.^a noiva.

Lud. / vem com um espeto, e ri' elle um fran-

et aqui está um frango. / ^{go!} / entende. Nic!

Nico.

Bem... sirva-o. / pega na faca e no garfo!

Lud.

Quira ter a bondade de pegar n' elle.

Nico.

Pegar n' elle como?... Ponha-o na mesa.

Lud.

Não, s'ur... Pegue n' elle!

Nico.

Está a caçoar comigo?... / levanta-se! / em

Lud.

eti!

Nico.

O que é isso? A s'ur está doida?

Lud.

Não se chegue, não se chegue!... Pegue no frango.

Nico.

et nunca vi servir hospedes assim!

Lud.

S'... é o costume co' da terra... Pegue no frango.

Nico.

S' inaudito! / espeta a faca e o garfo no frango. S'udov.
alterada, dá um grande grito, e cae n' uma cadeira com o espeto na
mão! elleaz o que é que ella tem? / põe o frango na
mesa e trincha-o!

Lud. / apto!

Imaginei que me ia apunhatar!

6
É pão? Bico.

Que? Também quer pão?
Lud.

Bico.
Ja se vê que quero. Não ha pão cá em casa?

Lud.
Ha, ha!... sim, sim... Ha pão... Então não havia de haver pão? Na buscar pão ao buffet. por n'ô espeto e apresenta. / Aqui está o pão.

Bico ^{leva}
Outra vez? Pão no espeto! Com mil demônios! Para o como tirou o frang. Ludov. sobre um qrito e torna a cair na cozinha / Esta estalajadeira é minha!

Lud. ^{apete /}
Apanho uma lesão no coração, com certeza.

Bico.
É vinho?

Lud.
Ninho?... Pois também quer beber?

Bico
É claro!... costume beber quando como. Toma-me por algum camello? O camello é que come sem beber.

Lud. ^{ao buffet.}
Eu vou buscar. Na buscar uma ganafa /

Bico. ^{apete /}
Ora vamos a ver se ella também serve vinho no espeto.

Lud.
Aqui está o vinho. Na a ganafa no chão, meio do salão /

Bico / estupfacto /
Então põe a garrafa no chão?

Lud.
É o costume, cá na terra.

Bico / vouitando-se / e tem a ...
Esta mulher é' doida varrida. Na buca-a!

Lud. / apto /
Que ar feroz tem este assassino!

Bico / comendo /
Ora diga-me uma coisa.

Lud.
Que mais, quem?

Bico
O Sr. tem cá muitos freguezes, com esta
maneira de servir a' mesa?

Lud.
Tenho muitos, sim sr. Toda a gente
importante do sítio e dos arredores... o
adjuncto do maire... o guarda campestre...
os gendarmes.

Ah!
Bico.

Lud. / apto /
Atrapallou-se com os gendarmes! Não
metter-me medo. / apto / Os gendarmes, ve-
em cá muito a' miúdo.

Bico.
Isso é' bom. Os seus freguezes não devem
ter medo dos ladroses.

Lud. / apto /
Ni!... Que cynismo!... / apto / Os ladroses e os as-
sassinios nunca veem cá... e quando se

atrevem a vir, são logo filados.

Vico.

Estimo isto mesmo! Estou então em lugar seguro?

Lud.

Olhe, os gendarmes não tardam aqui

Vico.

Tomara já vel-os.

Lud. parte 1

Não tem medo dos gendarmes! É um criminoso callejado!

Vico. ter

Bom! estou cecado... vou me deitar... Onde é o meu quarto?

Lud.

A que? quer ficar cá?

Vico.

De certo. ellas com a breca! acabemos com essas folicas! Previno-a de que se se põe com mais disparates vou chamar o guarda campestre, para a obrigar a cumprir os seus deveres. S'estalajadeira.

Lud. parte 1

Que desceramento!

Vico.

Vamos; o meu quarto é uma luz, deprezza!

Lud.

Já vai, já vai! / Naí ao buffete a recender uma vela!

Vico parte 1

Amanhã de manhã, fresco e bem...

posto, apresentar-me hei em casa da
m^{te} noiva.

Lud. *que se chama na porta da porta*
et aqui está a luz e a chave do seu quarto.
et. 8, ai. D. *que no buffet!*

Dê cá.
Bico.

Lud. *aparta-se do buffet!* *F. 2*
elli as tem; pegue n'ellas!

Bico. *volta a 2*
Oh! a G^{ra} devia estar fechada n'um hos-
pital de doídos! Quem é assim, não an-
da solto. *pega na vela!*

Lud. *apete!*
Ora esta! é atreve-se a reparar nos outros
andarem soltos!

Bico.
Noa noite. *Ludov. faz um gesto ameaçador com o ca-
peto!* *Volta de se!* O que é lá' isso? Quer tam-
bem pôr-me no espeto, por acaso?

Lud.
Não, s^{ur}... é fazer-me as m^{as} despedidas,
é o costume, cá na terra!

Bico *apete!*
é completamente maluca esta mulher!
ca. II! *D. 1.*

SCENA 15.
Ludovina, sup. Fargassier, et thyr, bliza, Bento
D^o s^{ur}. Jamierlan, D^o Juinho, Dubonnel.

Lud.
Ah! meu Deus! Que medo que eu tive!
apete o espeto! Namoz depressa chamar os outros.
a porta! Nenhum cá! venham cá todos!

Todos. /Entrando depressa. Os homens com Faca!

O que é? O que foi? O que aconteceu?

Pub. Descobri tudo! Tenho-o em meu poder!

Quem? Todos. *1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º 8.º*

O assassino!

Qual assassino?

O assassino do infeliz boiardo!

Ah!

Acabou de ceiar agora mesmo... e está no quarto nº 8.

Como está cá?

Mas, como sabe que é esse o assassino?

Tenho provas!

Ah! se isso fosse verdade, que honra!

Falle.

Primeiro que tudo, esse hóspede tem um ar sinistro, que me impressionou logo. Depois, vi-lhe as mãos cheias, e arranhadas.

Dr. Jesu. É que a vítima defendeu-se.

^{Lud.}
Esta bengala que elle traz, e que eu vi
na mão de Locard. /dá-a a Farg./

^{Dr. Jes.}
O roubo; movel do crime.

^{Lud.}
No dedo, o anel que eu tambem vi no
dedo de Locard, e que elle voltou para den-
tro, para não ser conhecido.

^{Farg.}
Indicio certo!

^{Dr. Jes.}
chegou-o, para o roubar; e' evidente!

^{Todos}
e' evidentissimo!

^{malvado Sr. Tam.}
E esse facinoroso disse-lhe o nome?

^{Lud.}
Anatolio Picoquet, de Paris.

^{Arthur, Eliza, Sr. Tam.}

Picoquet!

^{Sr. Tam.}
O noivo de m^a filha!

^{Arth.}
Queria cazar sua filha com um as-
sassino, e era para isso que m'a ne-
gava a mim, que sou tão bom rapaz.

^{Farg.}
Silencio! Procedamos com serenidade. ^{simples}
~~vante~~ / e' nas grandes situaçoẽs, que os
grandes espiritos sabem mostrar a sua

grandes! Chamemos toda a nossa energia, e saibamos achar no heroísmo da nossa alma, a... o... a... a...

~~Dr. Juv.~~ Juv.

Exatamente!

Todos.

Muito bem! muito bem!

Farg.

Comfirm, e' preciso prender esse facinoroso.

Dr. Juv.

Se nós fossemos chamar os gendarmes?..

Farg.

Os gendarmes não estão cá agora; foram em serviço fora, e só voltam d'aqui a dois dias. Não ha ali um homem de brã vontade que se atreva a prender um bandido?

Arth.

Estou eu!

Farg. abracaando o / p. a 7

Bravo! corajoso Arthur!

Arth. valente /

Não lh'o trazer já aqui amarrado de pés e mãos. Vai a porta da D' Ouca lá; e se nós fossemos dois, sempre era mais seguro.

Farg.

Um segundo homem de brã vontade? Bem to!

Bento p... e

ou?

Farg.

Quem! a sua valentia e-nos, bem comu-

cidou. Ide, corajoso Bento!

Bent. ^{roba} a
Vamos lá. /apto/ Que espiga! /no fundo/ Ouça
lá; e se nós possemoz três?

Farg.
Era melhor ainda! Dubonnel, leio no
seu olhar que está morto por comparti-
lhar da sorte que os espera... Ide, corajoso
Dubonnel!

Dubon. /apto/ ^{roba} ^{idê}
Que o diabo o leve! /alto/ Vamos lá!

Arth. e Bento.
Vamos! /saem p.^{to} D/ ^{idê}

Scena 16.

Os m^{mos}, m^{mos} Bento, Arthur, e Dubonnel.

Farg. 1.3
Ohe ^{os} ^{gras}, a situação é grave! Agora nada
de nervos! nada de gentos! nada de cheli-
ques!

Lus.
Tomemoz sempre as nozcas precauções! /Não
uolham e traz d'facaõ, qui dá às ^o ^{gras} / ^o ^{gras}

~~João~~ João.
Quando penso que ia dar mi: filha a um
assassino! Ah! mi: pobre Eliza, escapaste
de boa!

Eliz.
Ohe, ~~João~~ João, talvez não acredite, mas
desde que sei que Biçoquet é um assassi-
no, acho-o muito mais distinto!

Sr. Tam.

Ora adeus! Isso é a tua cabeça romana,
ca a trabalhar!

Dr. Jes.

Ati vem elle!... ati vem elle!...

Lud.

Com guarda!... sentido!... (Quem se todo em linha, com
o traço em bayoneta cruzada / Dr. Jes. Bto

SCENA II.

Os ^{meus} Sr. Bicoquet, Dubourel e Bento. D. H.

Bico. / pulo, em mangas de camisa.
Varrete de dormir, empunhado p. l. 2.

isto é uma casa de doidos!... Não se ca-
cõa assim com um hospede! Não me
empurrem! O que é que me querem, com
a breca? Ah! a m.ª noiva!... O Sr. Tamer-
lan!

Eliz. / parte /

Que ar sombrio e fatal!... Nunca tinha
olhado bem para elle!... Não é feio, e é
bem feito de corpo.

Farg. / mostrando a bengala /

Sr. Bicoquet, conhece esta bengala?

Bico.

Aque? Foi para me perguntar isso que
me foram acordar no melhor do meu
sono? Essa bengala é a minha. O
que tem o sr. com isso?

Farg.

Não se faça esperto! /aos outros/ Ouviram. n'ó,
meus Jós? Disse que é sua esta bengala.
e agora: conhece este bonnet? Pense
bem no que vai responder.

St. Jan.

Sim; pense bem!

Bico. /apto/

O demónio! ó bonnet que eu deitei fora.
Suspeitarão elles das m^{as} relações com
Theodora? /para/ Não, não conheço esse bon-
net.

Farg.

Então não vio esta pelle de loutro na
cabeça de um homem?

nenhum

Bico. /apto/

Querão fazer dezmanchar o meu casa-
mento? /apto/ Não; nunca vi nenhuma
cabeça d'homem com essa pelle.

Farg.

Bem! agora...

Bico.

Que mais temos ainda?

Farg.

Conhece um sujeito chamado Coeard?

Bico. /alternado/

Coeard? Não! não conheço!

Farg. /apto/

Extreme ceu! /a Ludovina/ Sr^a Ludovina Trun-
glot accorde as reminiscencias d'este sur.
Descreva-lhe o sur Coeard.

Lud. disse a D^o Tringot

Era um homem da sua estatura, de barba fofa, cabelo louro, pallido.

Bico.

É mentira! Bocard era gordo, baço, trigueiro... *Le soule com o meu furo e um lugar.*

Farg.

Ah! então conhece-o?

Todos.

Ah!

Bico. *apre!*

Ah! demonio! lá me trahi!

Farg.

Então, confessa que conhece Bocard.

Bico.

Conheci, sim, sr.!. Mas, ao sr., é que eu não conheço. O que tem o sr. com isso? O que tem o sr. com a m. vida, e com os meus conhecimentos? Deixe-me em paz!

Farg.

Perdão! Não fale n'esse tom d'justiça.

Bico

É justiça?... Mas, o que tenho eu que ver com a justiça?

Farg.

Bicoquet, é accusado de ter assassinado o infeliz Bocard!

Bico.

Eu! Assassinado Bocard? Essa agora é bôa! É de primeira ordem!

Farg.

Em nome da lei: está preso.

Bicoquet

indignado. que avança e. e. ele: todos, meus, oliza, amica cam.
n'o com os raios. Y dicquet eae, sentado, a D.. /

8 9^{to} 10^{to} 11^{to} 12^{to}

Fim do 1.º acto

ESLO
Escola Superior de Teatro e Cinema



Acto 2.

Uma sala da Mairie, no 2.º andar. Mobilia unica: — um sophá e um piano á H. Bento e um empregado traseem successivamente uma mesa e cadeiras. Portaza E. ao F uma janella abrindo para uma varanda de madeira. Fogaõ di E. candi-ciro acceso sobre o fogaõ. Uma mesa por-
ta.

Scena 1.

Bento e Um empregado

~~Devagar!~~ O sophá, aqui á esquerda... Bom! Agora traga a mesa... e as cadeiras. / O empregado ^{traz} as cadeiras. / É preciso que o nosso preso esteja alojado com todas as commodidades... / O empreg. ^{traz} uma mesa, e põe-na ao meio. / Bello! creio que o sr. assassino não terá agora razão de queixa.

Ahi vem elle. / ^{Emps.} / ^{saí, depois de fazer o que me pediram} / E. D.

Scena 2.

Bento, Fargassier, Picoquet, Dubouret.

Farg. ^{entrando: delicado} /
Queira ter a bondade de entrar.

Picoja ^{vestido, entra, seguido de Dubouret} /
Repito-lhes que os sr. estão todos presos.

Farg. *wh. 207*
Nada d'injurias! O Sr. vai passar a noite
aqui, no 2. andar da Mairie. Esta ja-
nella dá para uma varanda de ma-
deira. Se por acaso pensar em se evadir,
tomo a liberdade de o prevenir de que
por baixo fica o rio.

Mico
Muito obrigado.

Farg. *Uma*
Como nos declarou que não sabia na-
das, estamos perfeitamente tranquilos
a respeito da janella. Emquanto ás
portas, estão todas vigiadas em sen-
tinellas.

Dubon.
As sentinellas somos nós.

Mico.
Muito bem. Agora, repito - lhes, que...

Farg.
Não falle. É inútil. Fallará quando for
interrogado. Logo.

Mico.
Elas, com a breca!... isto é...

Farg. *h. n. & assim como*
Não falle... não falle... Boas noites.

Todos.
Não falle... não falle... Boas noites. *Dizem-lhe*
admir. com a mão!

Farg. *com orgulho!*
Alé que enfim, temos um assassino, e um

assassino seriv! e fui eu que o prendi. Scena 2.

3. ^{veja o B} Ouve-se correr a pernoita!

SCENA 2.
Bicoquet / só!

É inaudito!... Nunca, nunca se viu um
homem na m: situação!... Preso por me
ter assassinado a mim mesmo. Tenho me
fartado de gritar aos ouvidos d'esse velho-
te ^{magne} ~~gato~~ que representa a justiça, que Co-
cardo era eu; a justiça ri-me nas bochechas
e não acredita!... tu podia invocar o tes-
temunho de Theodora que me conhece sob
o nome de Cocardo; mas comprometter u-
ma mulher, ... nunca!... pelo menos, por
ora! e todo o tempo, e tempo! Sejam os
cavalheiros até a audiência, exclusi-
vamente. Mas o que hei de eu fazer
até lá? Este local oficial, massa-me
a valer!... /chamando/ Ala! ~~o capax!~~ o carca-
reiro! /ouve-se correr pernoitas. aparece Bento/

SCENA 3.
Bicoquet e Bento. E B

Ben.

O seu assassino deseja alguma coisa? Es-
tou ás ordens do seu assassino.

Bico

O amigo, eu estou aqui muito aborrecido.

Ben.

Diga o que quer. Nós teremos em toda a at-
tenção o brilho que o sol dá a nossa ter-
ra, e que lança sobre aquelles que tiveram
a honra de o prender... Estão-se fazendo
já as noticias para se mandarem pôr nos
periodicos.

Bico.

Eu queria destrahir-me um bocado. Mas na
terra não ha nenhuns monumentos que
se possam ver?

Ben.

Ha, sim, snr; ha muitos allé... mas não
se podem ver d'aqui.

Bico.

Isso é o mesmo; se é preciso sair, saio.

Ben.

Sim, snr; é preciso sair, mas é ainda mais
preciso que não saia.

Bico.

Ah! recusa-me essa pequena distracção?

Bento

Tenho muita pena, mas...

Bico.

Isso não é bonito. Ou eu dou brilho a lo-
calidade, ou não dou! se dou devam ter
comigo algumas attencões.

Ben.

Todas, snr assassino, todas! Quer livros? ro-
manees?

Bico.

Historias? crimes? muito obrigado! es-
tou farto d'esses romances! Queria distrac-

estês mais alegres.

Quer jogar o loto? ^{Bento}

O loto? Então quer que eu jogue o loto sou-
inho? ^{Bico.}

Se o sr̃ assassino se digna permitir-me es-
sa distracção, eu terei a honra de jogar o loto
com o sr̃ assassino. ^{Ben.}

Olhe, primeiro que tudo, prohibo-lhe que me
chame assassino!.. eu não assassinei nin-
guem! ^{Bico.}

^{Ben. ~~perindo. apte!~~}
^{alte} Bem te conheço!.. é a cantiga de Todos, elles!
Sim, sr̃; chamar-lhe hei então, o sr̃ Neu. ^{Bico.}

Pois sim, antes isso!.. Mas, então, em que
hei de eu matar o tempo? ^{Ben.}

Matar!.. ^{apte!} este no seu palaviado se
trahê o assassino! ^{apte!} eu não sei se o
sr̃ Neu toca, mas a sr̃. condessa de
Macabourde mandou este piano para
o sr̃ se destrahir, a pedido da menina
Eliza Tamertan.

Oh! não tinha reparado; muito obrigado ^{p. 2}
mas, faltam as musicas.

~~Eu togo as traças~~ ^{Ben.} agora, porém, devo prevenir o sr̃ rei de que toda a população de Shibouville está reunida do outro lado do rio, em frente d'esta janella, e pede para ver o sr̃ rei.

Vozes dentro! ^{F. 16}
Bicoquet! Bicoquet! Bicoquet!

^{Ben.}
Ouve? Ouve as massas? Que grande successo! Vou ter uma bonita ovacão!

^{Bico.}
Muito obrigado. Dispensio ovacões.

^{Ben.}
Então! nada de falzas modestias! Se não vae a janella dirão que é mal educado, que não é amavel, que não tem ~~educação~~.
Aude, ventha a janella, porquem é.

^{Bico.}
Para que? As escuras não me podem ver.

^{Ben.}
Eu alumiio ~~com~~ o candieiro. Bicoquet e Bento abrem a janella, e vão a varanda. Bento pega no candieiro. Ouvem se immensas exclamações... Ah!...!

^{Bico.}
bia!.. que quantidade de gente!

Uma voz. dentro!
Viva Bicoquet!

^{Ben.}
Falle ás massas... diga-lhes alguma co-

sa para lhes ser agradavel.

Bico. /na varanda/

Oh! ^{as} snr^{as}, meus snr^s, e caros amigos...

Multidão /fora/

Bravo! bravo! /aplauso/

Bico

Estou innocente!

Nões /fora/

Fora! fora! /espupos. Uma batata atirada, bate no cara de

Bicoquet/

Bico. /com um grito/

Ah! uma batata! /outra/ ~~vinicamente~~

Bento. /indignado, na varanda/

Meus Snr^s, nada de violencias! Respeito ao assassino!

Nões /dentro/

Fora o Bento! Fora, fora! /apuprada/

Ben.

Eh! outra batata! /bate-lhe na cara. Gritos. - Outra e fecha a janela/

Bico

Então isto é que era a tal bonita oração, hein?

Ben. ~~bravo e combado sobre...~~

O snr^r meu foi. Lhes dizer que estava innocente! e ellas sempre se destrahio um procedimento... este logo. /sae. Fenollhos! - E. B

Bico. /ri/

Pois, sim! a popularidade é uma grande cousa, mas para quem gosta de batatas.

Ben. /reentrando/

O snr^r meu? snr^r meu?

Bico

O que é?

Estão alli 3 ^{Ben. Ben. memna} sm^{as} da alta sociedade que mandam perguntar se o sr^e reu se digna recebê-las?

3^{as} ^{Vico} G^{ras} da alta sociedade?

Sim; as 3^{as} primeiras G^{ras} da localidade; as damas da mais alta nobreza do sítio. Oh! a effervescencia feminina é enorme! Depois da fidalquia, vem a burgueia; já estão nomeando commissões.

Como se chamam essas G^{ras}? ^{Vico}

Desejam occultar por enquanto o seu nome. Têm incognitas sob os nomes de sm^{as} V, Y, e sm^{as} L. ^{Ven.}

Bom; mande então entrar essas 3 primeiras damas da localidade e as 3 ultimas letras do alphabeto. ^{Vico.}

Queiram entrar, m^{as} sm^{as}. ^{Ven. / G. d'atm /} Ellas entram. ^{ell. etc.}

Scena 5.^a
Vicoquet, as G^{ras} V, Y, L.

Queira perdoar o vício, incommodat-o, ^{Vico.}
V.

mas, uma legitima curiosidade...

Y.
O desejo de ver o heroe do dia...

Z.
O andaz Bicoquet...

Bico (reingrado)
Lastimo, m^{as} sm^{as}, não as poder receber
mais confortavelmente, mas não estou
em m^o casa, e onde não ha érey o
perde.

Y. (s'outra)
Falla m^{to} bem, este assassino!

Y. (Politecnico de Lisboa)
É muito amavel!

Z.
É muito distincto!

Bico.
Então, querem ter a bondade de se sentar.

Y.
Muito obrigada: sem incommodo. Nós que-
remos somente vê-lo.

Bico.
Oh! m^{as} sm^{as}...

Y.
Sem a bondade de andar um bocadoinho.
Bico
e andar?

Z.
Se o não incommoda... Um bocadoinho
apenas, para nós vermos...

Bico.

Para verem? Pois não! / *apto* / Tomam-me por
um phenomeno de feira! / *pancia a orda da casa, como*
os gigantes de baraca / e amlho a' 8 - todas as sygnas rebolando a
U. / *air ouirar / que ficou a' 12*
estuda muito bem!

U. 3
& elegante a andar!

U. 4
Xé. se logo que é um homem fora do com-
mum.

Bico 1 - e pa 2
Queiem mais, m^{as} sur^{as}?
U.

etoió, sur; sem mais incommodo... m^{to}
obrigado

U. 3
O sur toea e canta, não é assim?

Bico
Um pouco... mas não tenho musicas...

U.
Vós logo th'as traseiros.

Oh! m^{as} sur^{as}...

U. 1
& desejavamos tambem v^{et}-o...

Bico
O que, m^{as} sur^{as}?

U.
Comer!

Bico
Ah! sim! pois não! mas isso é mais tar-
de! a racão das feras é logo; lá para
as 8 horas da manha.

18
bntão, se nos permite, viremos a esta hora.

4.
Porque tínhamos immenso desejo de assistir a sua refeição.

Bico as duas p. a 8.
Pois, não, m^{as} srs, com todo o gosto. Podem vir quando quizerem, que me dão sempre muito praser. Façam de conta que estão aqui em sua casa.

Atz. 3. *pronta a' porta*
Muito obrigada! muito obrigada! até logo.
go. *cum primittum gratiam a. e saem* E. B.

Scena 8^a

Bicoquet, des? Bento, des? Ludivina. E.

Bico. *So!*
Tomam-me por um esquimau do Jardim das plantas! mas não são feias e interessantes-se por mim. Está-me parecendo que posso tirar os meus emolumentos do logar de assassino celebre.

Bem. *88.*
Sr. Ben, está alli uma delegada das burguezas da localidade que lhe traz um cesto.

Bico
Bom, agora as burguezas! Bem digo eu. Mande entrar a delegada.

Bem. *f. dentro!*

entre, sur. Ludovina, que o sur seu digna-
de recebê-la. / a Vicente / Vou trazer as mu-
sicas. / Ludovina entra. Vento sai. Ferrolhos. / 68

Vico.
Ah! é a estalajadeira.

Lud.
Sim, sim, sou eu. e muitas damas encarrega-
ram-me de lhe trazer umas poucas de
coizas. / Tira do esto / Uma garrafa de cognac,
um bouquet de rosas, um cachimbo de
raiz de cerejeira, e um masso de Kentucky

Vico.
Ah! ah! sur. estalajadeira! Folgo immenso
em vê-la. Tenho que dar-lhe os meus agra-
decimentos.

Lud.
Oh! não tem de que!.. Fui eu que vendi o
cognac, e por isso encareguei-me de tra-
zer tudo.

Vico.
E foi tambem a sur! que se encaregou
de me fazer prender e encarcerar?

Lud. / grunha /
Quem?
Vico. Anteriormente / para / com /
Foi a J.^{na} que me denunciou?

Lud. surando
Não, sur.

Vico.
Não pode ter sido mais ninguém! Ago-
ra comprehendo a sua maneira phan-

tânica de me servir a mesa, ou antes, de não
me servir. Agora percebe o frango no es-
peto, o vinho no chão e a luz no buffet.
Ch! tudo isso são provas irrefutáveis que
a accusam!

Lud.

Chão, sr... eu estou i... inocente!

Bico.

Ch! se eu quizesse agora vingar-me... ^{prego na}
~~ganata!~~

Lud.

Chão me assassine, por quem é!

Bico

Sr! estalajadeira: quantos annos tem?

Lud.

28!

Bico

Chão minta!

Lud.

38!

Bico

Diga a verdade!

Lud.

48.

Bico

50.

Lud.

Chão, sr; 49; juro-me que 49. Sou ainda
muito joven. deise-me viver!

Bico

Chão! a vida é um fardo! vou-te aliviar d'elle!
pegue o braco

Lud.
Socorro! accudam! accudom!

Bico.
É inutil gritar! Estas paredes abafam os gritos
e absorvem a agonia. E, além disso, estamos
soz. O guarda foi buscar as musicas.

Lud.
Sr! piedade! Tenha dó d'uma pobre orpha!
Deixe-me viver... e se for absolvido... casarei
consigo!

Bico
ameaças! Desgraçada! Porque o traço!

Lud.
Suspenda! Reco-me em nome do que tem de
mais caro!

Bico
O que tinha de mais caro era a hora... e essa
tiraste m'a!

Lud.
Pois bem, seja! Para salvar a m.^a vida, propo-
nho-lhe uma transacção.

Bico
O que é?

Lud.
Eu tirei-lhe a hora? Se me deixar viver offe-
reço-lhe a minha.

Bico
Heim? O que é que diz?

Lud.
É um cruel sacrificio, bem sei!

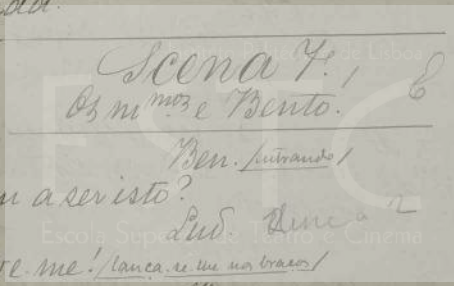
Bico
É mais que cruel, é medonho!

Lud.
 ellas perca-se tudo, menos a vida. Vamos, sua,
 visto que e' necessario isso para appaezar a
 sua colera, aqui me tem. Estou prompta p.
 o sacrificio.

Mico
 ellas eu e' que não estou. *Tomar a D*

Lud. requindo.
 Serai sua... sua para sempre!

Mico *soha rodando e mmm*
 Faz favor de me deixar! Socorro! Socorro! O
 da guarda!



Scena 7.
 Os mi^{mos} e Bento.

Ben. Putrando
 O que vem a ser isto?

Lud. Quem
 Ah! salve-me! lanca-se em um braço

Ben.
 O que foi?

Lud.
 Este homem... abusando da sua força hercu-
 lea e da m.^{de} fraguera de mulher...

Mico *3*
 Quem? Esta agora e' melhor! cai n'uma cadeira *o D*

Ben.
 Uai, um crime... Bravo! bravo!... aduz / Deno-
 nos e espere ali fora, o s^ur adjuneto que não
 tarda ali para interrogar o s^ur Reu

Lud. 1.

Tigre! hyena!... chacal! / sai com o grito!

Ben. / a Bicoquet!

O sr^o Dr^o Jesuino, advogado retirado e uma das glorias do foro, de elloutargis, pede ao sr^o seu um momento de audiencia.

Bico. / semiq^o!

Um advogado. elle anda entrar. Ben

Ben.

Entre, sr^o Dr^o Jesuino. / Dr^o Jesuino entra. Bento sai! 6

Scena 8.
Bicoquet e Dr^o Jesuino. CD.

Dr^o Jes.

Senhor...

Bico.

Sr^o Dr^o... / aperta-me a mão / eváo tem escrupulo de apertar a mão a um homem na situação em que eu me encontro?

Dr^o Jes.

eváo, sr^o; os negocios são negocios; e eu, não vejo no sr^o senáo um freguez.

Bico.

Queira sentar-se. Serve-se d'um charuto... ou d'um copo de cognac? / ~~aperta-me a mão~~

Dr^o Jes.

elluito obrigado. elleu caro sr^o, venho pôr o meu verbo a sua disposição.

Bico.

Agradeço muito o seu verbo, mas como estou innocente...

Dr. Jes.

Eu ja esperava isso! São Todos o mesmo! Imocentes!

Ydico

Sim, sr, imocente. É um mal entendido e prova-o. hei!

Dr. Jes.

Não, não, deive-se disso. Quea me bem, e se se deixar guiar por mim, tem certa a sua felicidade!

Ydico

A m: felicidade?

Dr. Jes.

Em primeiro lugar não diga nunca que es-
tá imocente. Isso pôde deitar tudo a perder!

Ydico

Hein?!

Dr. Jes.

Eu nunca me agaro a imocencia. É um systema muito perigoro! O sr é culpado... partamos d'este principio... confesse tudo... e responsabilizo-me por alcançar-lhe 10 annos de trabalhos forçados. ✕

Ydico

Perdão... o sr diz-me uma coisa? O sr não sera o juiz d'instrucção?

Dr. Jes.

Uau! nada de brincadeiras!

Ydico

Eu não brinco! É que toda a gente se pôde enganar, e talvez o sr esteja enganado.

D^r. Jes. Lev

Se não segue os meus conselhos está perdido!
e a sua innocencia é uma blague! Eu não
creio na sua innocencia, e era preciso que
eu acreditasse, para fallar com convicção.
E sem convicção como poderei eu commover
os jurados? Enquanto que se o s^r confessar...
Oh! então muda tudo de figura! Tudo corre
a mil maravilhas! O terreno torna-se soli-
do! eu apoio-me sobre a sua confissão, e verá
então o que sabe fazer o D^r. Jesuino, quando
se acha em terreno solido!

Dico Lev

elbas a m^{te} innocencia...

D^r. Jes.

e a sua innocencia!... Então, o que quer o
s^r fazer com a sua innocencia? Com
a sua innocencia eu lançaria a du-
vida no espirito dos jurados, dar-lhe-
ria circumstancias atenuantes, e o
s^r seria condemnado simplesmente a
prisão em Francea.

Dico.

Eu prefiro isso aos trabalhos forçados.

D^r. Jes.

O s^r não entende nada d'estas coisas!
falla como um principiante, meu omni-
go! O s^r não sabe o que é a prisão
em Francea! Uma vida de feição tran-

co 2 batata cozida; emquanto que confessan-
do tudo, eu arranjo-lhe com certeza um
degreveint~~o~~ para a Nova Gales do Sul, e
é ali, meu amigo, é ali que o espera
a Felicidade! Rico
erao percebido. gr. Jes.

Olhe, eu fiz mandar para lá um cli-
ente meu que vivia aqui na miseria;
honesto e desprezado. Era acusado de
um crime de que elle se dizia inno-
cente. Confesse, disse-lhe eu, confesse
ou está perdido. Elle seguiu o meu con-
selho, e eu obtive-lhe 10 annos de de-
greve em Nouméa. Foi para lá... e
ra activo, trabalhador... Daó-lhe um
boceado de terreno... a pena é-lhe com-
mutada antes de acabar de cumprir
a sentença; mas os seus negocios tinham
prosperado: estava rico, proprietario, fe-
liz, e lá se deixou ficar. Tem uma ma-
gnifica fazenda, casou com uma lin-
da rapariga que lhe deu dois robustos
meninos. Na tempo, veio passar uns
mesez a sua terra natal para com-
prar a casa em que tinha nascido...
Sabia-se que elle estava rico? Todos o rece-
beram de braços abertos, e ninguém

dúvidou mais, da sua innocencia. Ora
aqui tem o que faz, seguir os conselhos
do Sr. Jesuino! Confesse! Confesse e sera
feliz!

Vico / eletrizado /

Pois bem! Confessarei tudo o que o Sr. qui-
ser! Confio-lhe a m.^a sorte.

Sr. Jes. / apertando-lhe a mão /

Muito bem, muito bem, meu rapaz!
bonte comigo. Vico.

Nem gente!

Scena, 9.^a

Os m.^{mos}, Fargassier, Bento, def.^a Ludivina

/ Fargassier com uma carta debaixo do braço, entra precedido de Bento /

Bent.

elhe sus, Sr. a lei!

Farg. / grave e abotoado /

Accusado, venho proceder ao meu 1.^o inter-
rogatorio.

Sr. Jes. 3

Sr. adjuneto! O seu assistido do seu patro-
no, esta prompto a responder. */ tira a carteira e toma*

notas /

Farg.

Acabo de dar ordem para se intimarem
os peritos.

Sr. Jes.

Quaes peritos?

Farg.

Os peritos para examinares a lettra.

Sr. Jes. e Vico.

A lettra! Qual lettra?

Farg.
eraó sei!... cuaz quando se prende um cri-
minoso e' sempre costume mandar cha-
mar os peritos.

D. Jes. / parte /
e' profundamente idiota! / Bentam. e. Far-
gassier, diante da minha, ao meio. Bento a D. - D. Jesuino
a E. - Bicoquet a E do D. /

Farg.
Bento, escreva! / vai / Disse ao Arthur que se
fosse preparando! / Bento, emta. e e dispe. e e a me-
ur / Bicoquet, acabam de me participar
que uma nova accusação, tenivel, se
ergue sobre a sua criminosa cabeça.

Bico
Que accusação e'?

Farg.
e' de ter tentado seduzir a mão arma-
da uma respeitavel dama; a sn.
Ludivina Tringlot.

Bico
e' estalajadeira? e' falso. e' falso!

D. Jes.
eraó negue! não negue!... Este homem
tem a mania de negar tudo!

Farg.
Vamos confrontal-o com a queiroza.
e' onde entrar a S.^{ra} Tringlot.

Ben. e e e e e e.
Nunha ca. sn.^a Ludivina.

Lud. entrando / o 1- A tarde a 2

Presente.

Farg.

M^{te}. Ludovina Trianglot, o seu nega formalmente ter tentado seduzil-o.

Lud. apto /

Carreguei de mais a mão!

Wico

crego, e affirmo até, que pelo contrario, se houve tentativa partito d'ella...

Farg. indo /

O que? e' sur: e' que tentou...

Lud. percebida /

Perdaó... as coizas não se passaram precisamente assim.

Farg. indo /

breio, creio. Entretanto, parece-me duvidar que Wicoquet a quizesse seduzir.

Wico.

Antes a morte!

Farg.

O facto e' verosimil quando se considera a betualidade feror do accusado; mas deiza de o ser quando se olha para a cara da queizora.

Lud.

Para a m^{te}. cara? O que tem a m^{te}. cara?

Farg.

Não tem nada. la dentro / Escreva o que eu disse. "O facto e' verosimil quando se

conside...

12
Lus. ^{indignado}
olto la'!... não escreva isso!... Prohibo-lhe
que escreva!... eváo admitto insolên-
cias a' m' cara... não, por mim, mas
pelo meu defuncto marido!

Farg.

Silencio!

Lus.

Que se namorou Sella!

Farg.

Isso foi n'outros tempos!

Bico

Eu digo a verdade. O que eu tentei sim-
plesmente foi quebrar a cabeça d'esta
velha com uma garrafa de cognac.

D. J. S.

Bravo! bravo! ahi temos uma confiz-
saõ! Ora graças! até que enfim! uma
confizsaõ plena... que já nos garante
os trabalhos forçados.

Farg. / a Lus. /

E' verdade o que diz o reu?

Lus.

Sim, sim... e' tudo verdade, menos o ve
lha.

Farg.

Então deponha.

Lus.

Eu trasia a este homem um cesto cheio de Flores, de Tabaco e de cognac. Um vez de me agradecer, o monstro, apenas me vio, avança para mim com os olhos cheios de chispas.

Farg.

Chispas? Chispas é muito grave! Ponha lá, Bento.

Lud.

A bocca cheia de espuma.

Farg.

E espuma não é tão grave, mas tambem é alguma coisa. Ponha lá a espuma.

Lud.

Erugindo: ah! ah! como um leão, evla-ma! Folgo immenso em vel-a! Vou-me vingar: e pegou na garrafa de cognac.

Farg.

Ah! ali estava no seu direito: a garrafa era d'elle.

Lud.

Pois sim, mas a cabeça era minha, e para a m^{te} cabeça é que elle dirigia o cognac. Eu deito-me aos seus pés; Piedade! Tenha dó de uma pobre orphã.

- A vida é um fardo, vou-te aliviar d'elle! - Deixa-me viver e casarei contigo!

Farg.

Ah! com os demonios!

Lud.
Mas o tigre não largava a sua presa!

Farg.
O tigre... Qual tigre?

Lud.
O tigre era elle!

Farg.
Ah! sim, sim... muito bem. É uma
imagem.

Mico.
Esta mulher está doida!

Farg.
Não insulte a victima! Continue.

Lud.
Estou a acabar. Eu então gritei por
socorro, e Bento appareceu e acabou-se.

Mico
Perdão...

Farg.
Calle-se!... *La Bente* escreva. "O meu confessa
ter querido agredir a G.^{ra} Ludovina Trin-
glo, orphã, com a circumstancia ag-
gravante...."

Lud. *em tempo*
Não, sr; não foi com a circumstan-
cia aggravante.

Farg.
Não?

Lud.
Não, sr; foi com a garrafa de cognac.

Farg.
Ora! abobora! *La Bente* Ponha lá: com uma

garrafa de cognac. /a Vicoquet/ Era de 3 es.
Trellas, de 2, de 1, ou de carte blanche?

Vico.

elas o que faz isso ao caso?

Farg.

eraõ sei, mas é costume pôr-se. /a Lud./
Pode retirar-se, queingosa, mas não vá
para longe.

Lud. /aproveito a Vicoquet/

Camibal!

Dr. Jesu. /a Vicoquet, que quer deitar-se a uma/ ^{que se levava}

Duize a lá... ou defendo-o! ^{depois a mulher}

Vico. ^{leva finiro}

Eu é que me quero defender da sua
defesa! Estou farto de o aturar! Além
d'isso, bastava-me dizer uma pala-
vra... Escola Superior de Cinema

Dr. Jes. ^{leva}

eraõ a diga!

Vico.

Trata-se da honra de uma mulher...

Dr. Jes.

Então, diga, diga.

Vico.

Digo, mas só a direi ao sr. adjuneto
sob o sigilo da justiça, o mais abso-
luto.

Farg. ^{leva e dá a 3}

Me cito bem! diga lá! /ao Dr./ Affaste-se!

Dr. Jes. 1

Perdão... eu sou o advogado.

Farg.

Priz sim; então, affaste-se como advogado. / Dr. sobe! Vamos lá a ouvir... Trata-se d'uma mulher... deve ser picante!... Tu pello-me por historias picantes!... Tome lá um charuto.

Bico.

Obrigado. / Pega n'um e accende-o! Ora imagine que eu encontrei-a a 1.ª vez, no expresso das 10 e 45.

Farg.

Ah! foi no caminho de Ferro? Então, deve ser muito picante. / lá-me o braço! Continue, continue.

Bico.

Eu accendera um charuto e perguntava-me: Incomoda-a o fumo? Nada, inteiramente nada, respondeu-me ella graciosamente.

Farg.

Estava feito o conhecimento.

Bico.

Eu ia de frente d'ella. Fomos conversando. Entramos no tunel de Pont-Cornet. De repente, o comboyo dá um solavanco...

Farg.

Bem sei; a via férrea ahí, está em mau estado.

Bico.

Como vê, a culpa foi da machina.

D. Jes.
Que massada! elles não acabarão d'elli?

Vico
Quando sahimos do tunel, ella fallou do seu marido.

Farg. / rindo /
Ah! ella era casada? Hea um marido na historia? Tem ainda muita mais graça!... Tome la' outro charuto.

Vico. / tomando o /
Obrigado. Era um homem distincto.

Farg.
Como se chamava? Será indiscreção perguntar-lhe o nome d'elle?

Vico
Para a justiça não ha indiscreções... Thi...

D. Jes. / nome de /
Thimotheo... então?

Vent. / nome /
O sr. Fargassier...

Farg.
O que é'?

Vico
O sr. chama-se Fargassier?

Farg.
Sim, sr... Thimoteo Fargassier... um seu criado.

Vico. / parte /
O marido! Oh! com a breca! o que eu ia fazer!...

Farg.
Mas vamos a nossa historia. O marido chamava-se Thi... ia o sr. dizendo.

Vico
Tinha-me ficado na memoria o nome d'elle

mas depois esqueci-o.

Farg.
Ora que pena! É o resto da historia?

Vico
Não tem resto... acabou-se aqui.

Farg.
Acabou-se?... Bom, já percebo. O sr. é que não quer dizer o resto para não comprometer a tal sr.^a. Está no seu direito. Agora vou pô-lo em presença d'uma testemunha ocular que assistio á perpetração do assassinio de Coeard!

Vico
Essa é monumental! Mas há quem se visse commetter um crime que se não praticou?

Dr. J. S.
Nem caro, mesmo nos crimes que nunca se praticaram, ha sempre uma testemunha que vio tudo.

Farg. *(d'entro)* E quem é?
Nenhã é! Dubourel.

Scena 1.
Os m^{mes} e Dubourel.

Dubourel. *(surpreso)*
Prompto.

Vico *(atirando-se a elle)* f. 2
Você é que se atreve a dizer que assistio ao assassinio do Coeard. *(Os outros seguranças)*

Dubourel. *(atirando)*
Não me toque! *(apre)* C'ia, que forceira! Pô'a cara mette medo! Posso fazer-lhe carga a vontade

sem medo de me enganar.

Farg.

sent. nos uns lugares

Falle; Dubonnel. Não praticar o crime?

Dubon.

Sim, sr.; vi perfeitamente assassinar o infeliz boeard.

Mico

Este homem está ódio com cetera!

Dr. J. S.

Deixe-o entalar a vontade... para si é melhor.

Dubon.

A noite estava muito escura. Eu vinha me divertindo na m.ª barca, costeando o rio. De repente parei... Ovi vozes perto. Junto da estação appareciam no horizonte duas sombras questionando. Escuto e oico algumas palavras. Quero!.. não quero! Eu digo-lhe que sim! ou digo-lhe que não! e depois, 'lá, tráz!' um ruído sinistro!

Mico /apto/

A bofetada que me deu Theodoras.

Dubon.

O sangue gelou-se-me nas veias. O assassino acaba de atirar boeard ao rio, depois de o ter apunhalado.

Mico /ben/

E' mentira! e' mentira!

Dr. J. S. /coagando.../ fuzido e outro

Tome sentido! Olhe que por esse andar não apanha o degado.

Farg.

O sr. não o apunhalou?

Mico

está, não, não!

Targ.

Ouve-o. testemunha? Mantem o seu depoimen-
to?

Dubon.

Mantenho, e não mantenho. Eu ouvi um
ruído; agora não vou jurar se foi uma pu-
nhalada ou um tiro de revolver.

Vico

Eu nunca tive revolver na m.^a vida.

Dubon.

Entretanto o corpo que eu vi cair no rio...

Vico / ^{que}

O sr não viu corpo nenhum cair na ^{rio} água!
Não viu tal!

Dubon.

A noite estava muito escura... não se via
nada! ser a noite de 10 de maio de 1870 - D. Dubon

Vico

Então se não se via nada, nada viu.

Dubon.

Eu não vi nada, porque nada se podia ver;
mas se pudesse ver teria visto tudo.

Vico

elle as, então se não viu nada, o que é que
vem dizer?

Dubon.

Venho dizer o que sei.

Vico

Então, já vê que não sabe nada, seu idiota!
Vei de chamal-o aos tribunaes por diffama-
ção; ha de-me pagar 50 mil francos de perdas
e danos.

Dr. Les. / Ja Dubonnet / 12

Deseance que eu o defenderei. Testemunho tal

so' elleagnifico! Longeza tudo e eu arranjo. ¹¹⁰⁰ ~~ha~~
5 annos de degresso. ^{volte a seu lugar}
Degresso? Não quero! O melhor e pôrem lá que
eu não disse nada.

Farg. ^{lucro!}

Testemunha, tome sentido. Isto aqui, não e:
ponham lá, e tirem lá. Isto já mais fino!
O sr Gallon muito, disse muita coisa; e tudo
que disse já lá está posto e d'ali não se tira!
Saia; mas não va para longe.

Dubon. ^{apto!}

Muito! já vejo que só me resta fugir para o
estrangeiro. ^{lucro!} E B

Scena II^a

Os m^{mos}, menor Duboumel.

Leu Farg. ^{la Bicoquet!}

Agora, uma ultima formalidade. Vae ser a
palpado. ^{lucro!} E B

Bico. ^{lucro!}

Apalpado! ^{apto!} Oh! com a breca! e as cartas
da mulher d'elle! tira-as ás escondidas e dá-as ao Dr. / g^o
Guarde-me estas cartas.

Dr. Yes. ^{apto!}

Cartas comprometteoras! elleagnifico!

Bico ^{lucro!}

Podem-me apalpar... Quem não deve, não
teme!

Farg. 2

A F B - 2.

Vejamoz. ^{apalpa. o!}

Bico

erao me faça escegas.

Farg.

Nada... nas algibeiras não ha nada!

Dr. Yes. p. 3

Erdão... etqui tem estas cartas que o seu acabou de me dar as escondidas. - *F. mette as em lugar*

Bico / *parte* / 4

Animal! cretino! idiota!

Dr. Yes.

Mas deixe-me cá manobrar por m.^a conta!
Vae tudo às mil maravilhas!

Bico / *parte*

São cartas da mulher d'elle!

Dr. Yes.

Oh! com mil demônios!

Bico / *parte*

Vae conhecer a letra por forea! e arrebeita a bomba!

John Farg.

Cartas! *le* / *de* / *locard*. Posta restante. Paris... Não
võu tudo a victima, até a correspondencia.

le / *bruel*, quanto mais penso em si, mais la-
mento ter enganado meu marido... *parte* / Um

marido enganado! Não me divertir imme-
so! *mette as na parte* / De quem são estas cartas sem
assinatura?

Bico / *parte*

Então elle não reconheceu a letra?

Farg.

Vamos: de quem são? Responda.

Bico.

Eraõ me lembro... O sũ imbecelizou-me com-
pletamente.

Farg.

Oh! recusa confessar tambem isto? *a Bento*

Bento, ponha cá: O seu tendo avizado que ia

Asu declarações importantes, confessou que esta-
va completamente imbecilizado.

^{Dr. Jes.}
Embiron em não confessar, e não confessa.

^{Farg. / baigo!}
Vão desanime, meu caro Dr. Nesta. nos o ocu-
pedante do gatuino. Arthur já está prompto?
Nenhum, meus Drs. ^{meu a 203}

^{Dr. Jes. / a Vicoquet!}
Esteja descansado. eu respondo por tuos. 15 an-
nos, pelo menos. ^{paum! E. - fulano o prolu- 813}

SCENA 2.º 1
Vicoquet, dr. Arthur. & B

^{Vico.}
As cartas não serão escriptas pela mulher del-
le?... Quem as escreveria então? / Abre-se a porta. e
Arthur entra, empurrado por Vico.

^{Arth. / dispareado em gatuino!}
Moan! não empurre! Vai de chalacas!

^{Vico}
O que vem a ser isto?

^{Arth.}
Olá! está cá gente! Viva! passasse muito bem!

^{Vico resumido}
Eu não tenho a honra de o conhecer.

^{Arth.}
Ora, deixa-te de lerias! 'c'váo te Jacas Fomso!
Eu cá sou collega! Forte tu que estafaste o
gajo!

^{Vico}
Estafei o gajo? / ^{parte!} Que demonio de homem
é este? / ^{parte!} Porque é que o sũr veio para

agui?

Arth.

Porque os quitas me filaram. Cahi tambem
na arrozca. ^{notas} Olá. tu estás aqui como um
principe! PIANO. Flores, cognac. Bota lá ~~um~~
~~um~~ ~~um~~ não te faças forma!

Dois deictos?

Ydico.

Sim! ^{um sapato} não principies com aquellas!... Ou ^{bebe} ~~de~~
~~tra~~ com o teu amigo, ou eu te ponho as tripas
ao sol.

Ydico.

Ya'vae! ja'vae! ^{parte} é medonho este animal!
é um facinora!

Arth. ^{parte}

Que grande ideia que eu tive em me disfor-
ear! ainda que tenha de o pôr bebado como
um eacho, ha de confessar para aqui tudo!
eu não sei lá muito do palavrado do meu
personagem, mas para entalar um rival,
sei o bastante.

Ydico.

Prompto! aqui está o cognac. ^{sentam-se / e /}

Arth.

Lá'vae a' nossa! ^{pingem que bebem e deitam fora o cognac /}

Ydico. ^{parte /}

Se elle imagina que eu ia pôr-me a beberri-
ear com aquella figura...

Arth.

Ouve lá, o amigo, então ha muito tempo
que tu andas cá n'esta tropa?

Qual tropa?

Ydico

Arth.
Está no servicinho de - Itt! / dai facada!

Ysico.
Perdaó! está enganado! Eu juro-me que estou
inocente.

Arth.
Oh! oh! oh! Não é com essas! Lá ha muito olho.
Ora, pespeque já para ali com a historia toda,
aonde.

Ysico *com dignidade*
Affianço-me que não tenho nenhuma historia
a pespegar.

Arth.
Moau! queres que eu comece primeiro? Conta
lá'vae. / ap^{te} / leae como um patinho! / pu / Eu
soube que havia ali uma gaja que aversa-
va, e uma noite disse consigo: Vamos lá
fazer uma visita a' vellota. Trepou para
o muro da quinta... Áo, áo, áo! um cão
a ladrar! pueho da menina, e záz! furo o
animalejo. Mas o porteiro ouvira a bulha
e vem a correr... záz! furo o porteiro. A mu-
lher d'elle vem acudir-me... e eu, bumba!
era uma vez uma mulher! O jardinei-
ro apparece, estafó o jardineiro.

Ysico
E depois?

Arthur
Depois, vem a patrulha com muito porre...

Ysico
E estafa os fãmbem?

Arth.
Nada! esses deitam-me os gadanhos, e en-
gaiolam-me aqui dentro! bagora que já

sabes que sou um amigo, um confrade, conta-me tambem a tua historia.

Vico

Va' me disse que não tenho historia.

Arth. ^{lem}

Ola'! querem ver que tu es da policia.

Vico

Da policia?

Arth.

E que estas a tirar nabo' da pueara...

Vico

craboz?

Arth.

Para vies metter no bico do commissario?

Vico.

Metter nabo' no bico do commissario?

Arth.

Tu es tolo ou fazez-te? Mas, toma tento na bola! se tu m'a pregas, eu quando me raspav d'aqui, estapo. te como estapei os outros. Namos, va' la' mais, uma piranga. e correga que e' um gosto!

Vico / ^{4ta} / *uma com espanta*

Naõ e' homem, e' uma esponja!

Arth. / ^{5ta} /

Naõ pegou, mas vou vigial-o. Fimpo que durmo, e elle se trahira'. *(late)* / Bom! estou a cair de lazeirov'. vou dormir uma soneca n'aquella tariimba. *(lat)* / ^{6ta} / Buf! Boas noites, amigo, e toma sentido! se dás com a lingua nos dentes, a menina trabalha. *(adomeca)*

Vico / ^{7ta} / 2

Deram-me um bonito companheiro, sim? *(st)*

Scena 2.
Os m^{mos} Bento e Eliza. E.B.

Bento
Esta' alli uma visita p.^a o sr. rev.

Quem e'?

Bico

Uma snr.^a

Ben.

Bico

e bande entrar.

Ben. /f. dentro/

Entre, menina.

Eliza. /entra com um cetro/

Bou eu. /Bento sai/

Scena 3.
Bicoquet, Eliza, Arthur. E.B.

Bico. /surprehendido!
A menina Eliza Tamerlan!

Arth. /surp/

Eliza! Ola! vamos a escutar!

Eliz.

Fugi de casa. Tu anda sempre fugida. Admira-se de me ver aqui, não e' assim? mas o que tenho a dizer. He e' da mais alta importancia! Bico.

Queira sentar-se. /sentam-se/

Eliz.

Bicoquet, em desconfianca-o. 'achava-o banal, vulgar, commum, como toda a gente, e não casaria comigo senão com a idea de he fugir o mais depressa possivel. Ama-va Arthur.

Arth. *[aparte]*
Ama-me! Oh' anjo!

Eliz.

Achava o Arthur intelligente, original, distinc-
to, luminoso, e tinha tanto prazer em ca-
sar com elle, como quanta repugnancia em
casar comsigo. Bicoquet.

Bico.

Mas...

Eliza

Mas, de repente, operou-se em mim um revira-
mento subito!

Bico

Ah!

Arth. *[aparte]*

Oh!

Eliz.

Conhece o Hernani?

Bico

De vista, apenas.

Eliz.

Leu a mulher de 30 annos, de Balzac?

Bico

Está, sur.: bem sabe que as farinhas peitoraes
formam muito tempo.

Eliz. *[sur.]*

Esta mulher de 30 annos ha uma donzella
romanesca que se apaixonou por um assas-
sino sublime! Segue-o para toda a parte;
na terra e no mar. Esse assassino far-se
corsario! Ella arrosta as ballas ao seu tab.,
maneja o machado da abordagem, e abre
avenidas de sangue, nas massas inimigas.

Bico

Sim! e depois?

Eliza em estacão. Lev.

Eu admirei e invejei sempre essa mulher! Que alma! que sentimento! que enthusiasmo ~~era~~ cavalheiresco! e que radiosa existencia!

Vico m.^{te} encosta Lev.

Sim, sim! as abordagens, os combates a machado, as avenidas de sangue, e' bonito, e' bonito.

Eliz.

Oh! ser a mulher de um homem audaz, em guerra perpetua com a sociedade, com as leis, com o mundo... Que sonho!

Vico

Sim... sim... deve ser interessante!

Eliz.

Por isso, quando soube que o sr não tinha a alma vulgar, que tinha atirado o card ao rio, transfigurou-se aos meus olhos, e Arthur passou a não ser mais para mim do que um misero insecto!

ARTH. /arte/

Um insecto! Eu?!

Vico

Oh! m.^{te} sur.^{te}, na situação extravagante em que me encontro, as suas palavras fazem-me um bem incalculavel! /arte/ Que lyrismo! Como ella e' bonita!

Eliz. /arte/

Que olhar luminoso! /arte/ Diga-me, como que fim mafou esse talocard?

Vico

Bom que fim? /arte/ Se digo que não o matei, ella deixa logo de amar-me. /arte/ Bom

o fim de me defender. Eu estava perfeitamente
no caso da legitima defesa!

Eliz. / parte /

Ah! mas a bengala e o anel?

Bico

et bengala e o anel pertenciam-me! elle e' que
me tinha tirado esses objectos, juntamente
com muitos outros.

Eliza

E' preciso dizer tudo isso a' justicia.

Bico. / parte /

Ah! isso e' que não. / parte / Já o disse e não me
acreditaram. Não tenho provas. / B

Eliz.

Bicoquet! Deploro-o e admiro-o!

Bico.

Então, tenho a felicidade de lhe não deza-
gradar?

Eliz.

Bicoquet! Eu não sou uma mulher como
as mais. O que assusta as outras mulhe-
res, a mim atrahê-me e exalta-me! Bico-
quet, amo-o!

Bico.

Oh! felicidade! / beija-a /

Anth. / parte /

lev

Hein! Um beijo nas m^{as} bochechas!

Bico

Moas, diga-me: ama-me porque me jul-
ga criminoso, não e' assim? porque eu ti-
ve a selvagem energia de atirar Cocard
ao rio?

Oliza
Sim! Ah! e' bello, um homem energico!

Vico
e' mas se a justica me der por innocente?

Oliz.
E' pouco provavel.

Vico
e' mas pode acontecer! e' a justica engana-se
as vezes! diga-me, se eu fosse absolvido? Se
eu nao passasse de victima de um erro ju-
diciario?

Oliz.
e' esse caso o meu coracao e' rehabilitaria.

Vico
e' amar-me-hia do mesmo modo?

Oliz.
Sim; sempre!

Vico. parte 1
E' lindissima! esta rapariga e' lindissi-
ma! parte 1 Ah! Oliza!

Oliz.
Vicoquet! Abraçam. 22

Vico.
Anjo puro! anjo radioso!

Arthur. saluando do loggia
Entao? nada de cerimoniaz!

Oliz. trouxe a B
O que vem a ser isto?

Vico. 3
E' um gato sem importancia!

Arthur.
Um gato! sou Arthur e' o galgaehon.

Oliz.
Arthur!

Arth.
Eliza, o seu procedimento e' indigno!
Nada d' injurias... ou estrangulo-te!

Arth. / furo /
Tu e' que vazes pagar por ella!

Bico.
Vamos la' a ver isso! / lucta violenta. - de scen

Bliz. / estrando e applaudindo /
Como elle e' bello! Que energia! Bravo! bravo!
/ Na lucta chegam ao pe da janella. Bicoquet faz um esforço, e
atira Arthur ao rio! /

2. Scena 15,
Bicoquet, Eliza.

Bico.
At! atirei-o ao rio!
Bliz.
Ya' saó doiz!... não faz mal; este sabe nadar.

Bico. / apto /
Esta gente ha de acabar por me fazer as-
sassino a valer!

Bliz.
Bicoquet, e' um heroe!
Bico.
Pois sim; mas e' preciso fugir.

Bliz.
Eu preui tudo. Trago aqui uma escada de de-
scesa, um revolver, um martello e doiz
pregos. Debaixo da janella espera-nos um
barco.

Bico.
Eliza, a menina e' a Providencia!

Bliz. / da. Um o revolver! *sohu*
Tome lá! vou pegar a escada a janela!

Mico
ellas para que é isto? Para que é este revolver?

Bliz. Para nos defendermos. Se nos perseguirem. *Hum.*
pum! pum!

Mico.
ellas espere ali! elle está carregado a serio...
e um revolver carregado pôde matar a quem!

Bliz.
A que? Tem medo de matar gente, o sr., que já está tão habituado a isso?

Mico
Não! eu medo não tenho. Hea matar e matar! atirar um homem ao rio é bonito, é grande, é atrojado, é perigoso; mas matar um homem, de longe, com um tiro, como se mata um coelho... é pequeno, é seles, é indigno da m.^a alta situação no mundo do crime!

Bliz. / admirando-o / *deu*
como elle é grande! é epico!

Mico
Por isso é melhor tirar as balas e deigar só os fulminantes... o effeito é o mesmo!... faz a mesma bulha... e serve para affastar os indizereptos. *tira-las!*

Bliz.
Vou pôr a escada. *vou pegar a a janela!* *sohu F*

Mico.

Não faça bulha nenhuma! / Costa as balas que tem / 1, 2, 3,
4, 5 e 6! Agora já posso atirar tiros como um
salteador! / Ouve-se as mataduras / oléou! lolla faz mt.
bulha! Não bata fão de rijo! *solé*

Scena 10.

Vicoquet, Bento, def.^o Targassier, def.^o Dr. Jesuino
def.^o Dubonnet, def.^o Ludovina.

Bento. / *correndo* /

Que bulha é esta? / *vendo a janela* / Oh! uma invasão!
/ *avança p a janela* /

Vico.

Para traz! / *Um tiro*. Bento cae / — a' d

Bent. / *gritando* /

O da guarda! Socorro!

Dr. Jes. e Targ. / *correndo* /

O que é? O que aconteceu? / *Vicoquet dá outro tiro.*
elles caem no chão, atterrados /

Lud. e Dubon. / *correndo* /

O que vem a ser isto?

Vico.

Para traz! / *Novo tiro*. Lud. e Dub. saltam, gritam, e caem
no chão. A cada novo tiro. Os personagens caídos, agitam-se, e col-
tam um grito. Vicoquet, atira p o ar dois tiros //

Fim do 2.º acto

Acto 3.

O pateo da casa de Dubonnet. Ao F. muro com porta; vê-se ao longe o campo. A D. a casa que avança um pouco sobre a scena. Uma janella do rez do chão faz face ao publico: está fechada. A E. uma pequena construcção servindo de galinheiro. Cadeiras mudeas em frente da casa. Espingarda ao pé da porta da casa. Um banco debaixo da janella.

Scena 1.

Clara, dep. Dubonnet.

no banco à E. Clara. *sentada ao pé da janella, mira os ovos que mette ainda um si incerto!*

«Vais um choco! Ora adeuz! Vai com os outros... vendo todos pelo mesmo preço! Ah! este é bom!... Vá 5 bons si' uma duria: assim é que deve ser. É preciso ter certa consciencia. *leva e volta um pouco*

A Dubon. *saíndo de casa, com o rei*
nos ar. costas!

Dubon. Estou atordoado.

Clara. 2

Oh! que bomnet é esse que tu tens?

Dubon.

Foi o que achei hontem á noite á beira do rio... e vou-me servindo d'elle... É quente como um borralho! Vou ao banco

mudar as amarras... este já. ^{solu} suspira/oh!

bla.

O que tens tu, homem? ^{solu} porque suspiras?

Dubon.

É aquella historia. É hontem que não me sai da cabeça!

bla.

O que? O teu depoimento?

Dubon.

Sim. Parece que eu fiz um depoimento falso. Não vi nada, e disse que tinha visto tudo, para fazer figura.

bla.

Que tolice!

Dubon.

Se tu visses a cara d'aquelle Jacinora!... ou, apenas a vi, disse comigo; Uma cara d'estas, pode-se encravar a vontade... até é um bom serviço que se faz a sociedade, para fazer bom d'elle... E contei uma sucia de coisas... Então, o sr. Jesuino, o advogado, disse-me que ia defender-me, e que me arranjaria um degredadinho na Nova Galedônia.

bla.

Proi! deixa-o Gallar! Elle tem a mania de mandar toda a gente para a Nova Galedônia, mas não manda ninguem. Não tenhas medo, pateta!

Dubon.

Esse teu dito, faz-me bem... Tranquilisa-me!.. Olha, dá' cá um beijo.

Clá.

Vae p.^a o teu barco sem medo. Tu és muito estúpido, e muito insignificante, para alguém pensar em te incomodar!

Dubon.

Obrigado, Clárinha, muito obrigado. As tuas boas palavras dão-me coragem. Vou p.^a a m.^a barca. até logo. F3

SCENA 2.^a
Clá. des. e Liça.

Clá. ps!

Diverte-me com os seus medos, coitado! O que diria elle se soubesse que eu escrevi cartas a esse pobre locard, assassinado! É verdade que era por conta da sn.^a Farjassier, mas em todo o caso a letra era minha.

Li. / E... atrás do q... .. Clá.

Ps!.. Clá.!

Clá. 2

Heim?... ps... Clá! Liça!

Li.

Shio!.. Estive a espera que teu marido se fosse embora.

Clá.

Que ar mysterioso!.. O que é que tu tens?

Eli.
Clara, queres fazer uma bella acção?

Clara.
Uma bella acção?

Eli.
Sim; trata-se de esconder até a noite um fugitivo.

Clara.
Oh, meu Deus! um fugitivo! Quem é?

Eli.
Um homem luminoso! energico! um heroe!... o meu futuro marido! O homem dos meus sonhos! Um paria que a sociedade vomitou do seu seio!

Clara.
E tu vistes obrigada a esconder-o?

Eli.
Sim; e ^{para} ~~o~~ ~~preparar~~ não o quereria para genro assim de pé p' a mão. Tem idéas burgueras. E' necessario preparal-o.

Clara.
E porque é que elle se esconde?

Eli.
Porque está em guerra com o mundo.

Clara.
Ovas, onde queres tu que eu o metta?

Eli.
Onde quizeres! E' só até a noite.

Clara.
Só se for no garrinheiro... elle eu man-

do nunca la' vai.

Eli.

Um heroe como elle no galinheiro! Oh! an-
tittese! Oh! ironia! p 2

Clá. 1

Onde está elle?

Eli. (indicando a E.) ^{coluna ao 3º pto}

Olha, está alli... é aquella terceira arvore
a' esquerda.

Clá.

Como! aquella arvore é elle?

Eli.

É!... Disparei-o em arvore, como no
Macbeth. É' shakespeareano!

Clá.

Pois então chama-o e mette-o la'. Eu vou
levar os ovos a' m.^{ra} frequera. Olha... recom-
menda-me que tome sentido, não me
mate por la' alguma galinha ou al-
gum pato.

Eli. 1

Esta' dezançada! Matar um simples
pato, seria indigno do seu passado!

Clá. (apto)

Tem uma grande botha, esta rapar-
ga! (sae) F.D.

Scena 3.^a

Eliza, des? Bicoquet. E.R

Eli.

Bozinhá! Chamemol-o... He! patt. patt!

Eu?

Vico. dentro /

Elisa

Sim; venha cá.

Vico. /

Aqui estou. Não é fácil de andar quando se está mascarado d'arvore. entro E. coberto de folhas / Está sorincha?

Elis. 2

Estou; pode tirar as folhas.

Vico

Uf! Estava morto pelo cair da folha. Tira as e entra as q' o batido / Não é nada divertido estar disfarçado em arvore... Tinha em cima da cabeça uns passaros mal creados, que abusavam insistentemente do meu disfarce.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Elis.

Paciência!... Estamos chegados ao fim da nossa odisséia. Vicoquet, dei-lhe a m.^a alma! Entre para a capoeira... e não se mecha. À noite partiremos juntos p.^a a America.

Vico

Para a America, p.^a a Oceania, para o inferno, para onde quizeres. Elisa... O teu amor deu-me volta ao juizo!... Já vou para a capoeira... Até logo.
entro / E. Mo.

Segunda Lt.³ 2 76
Eliza, depois Dubonnet, Arthur, Farjassier.

Eli. ¹
Como elle me ama! Tu és o meu leão es-
berto e generoso! Entra Dubon. com Arthur, e chan-
quado. e Farj.

Farj.
Depressa! apertem o lume da chaminé p.^a
o seccar!

Eli. ¹
O que vem a ser isto?

Dubon.
Encontrei o menino Arthur desmaiado na praia.

Eli.
Arthur!

Arth.
Sim, sou eu! fui afogado por Bicoquet!

Farj.
Afogado por Bicoquet! Sempre esse Bico-
quet!

Eli. ^{1 2}
Não de ter muito frio?

Dubon.
Entre em m.^a casa... e seque-se a cha-
miné.

Arth.
A Eliza!.. Perguntava-me muitas ve-
zes se eu era capaz de me ativar a a-
gua por sua causa... Atchim! e qui-
tem a resposta!

Eli.

Scena 5.^a
Dubonnet e Farjassier.

Dubon.

Que facinoza que é esse tal Bicoquet, hein?

Farj.

elas haremos de apanhar-o! Todos os ho-
mens vãos desde os 20 até aos 48 an-
nos estão em armas!

Dubon.

Lea' está a minha.

Farj.

cheandei-os em todas as direções: esta-
mos-lhe dando uma batida ^{em forma} como se
faz aos lobos... Eu venho cá para me
dar o bonnet de pelle de contra que en-
controu a beira do rio.

Dubon.

Leu-o na cabeça.

Farj.

Quero juntal-o ás cartas que encontrei
no assassino. Cartas de mulheres, diri-
gidas a Coeard, o que prova claram^{te}
que Bicoquet roubou a victima antes
de a atirar ao rio.

Dubon.

Cartas de mulher? Deve ser divertido

Quer ler uma? Farj.

São cartas d'amor? Dubon.

Olhe, veja! da-me uma! Farj.

Deve ser divertidissimo. é'le eu caro... ah!

Sem muita graça, não tem? Farj.

É a letra de m.^{te} mulher! Dubon.

De sua... ah! ah! ah! sem ainda mais
graça do que eu suppunha! Farj.

O que! Isto faz-o rir? Dubon.

Não, não é isso... é o nervoso... Sobre Du-
bonnel! breia que me associe sincera-
mente á sua dor! Farj.

elle.^{te} mulher!... Enganar-me!... E com
quem? Ainda se fosse com um homem
distincto... mas com um homem que
ninguém conhece!... e demais que se dei-
rou matar! Enganar-me com um
morto! Eu não merecia isto, sim Thi-
moteo! ^{sentença de Farj.} Farj.

Então, resigne-se e espere... Quem lhe diz

que um dia não será enganado com
pessoa mais competente? //

Scena 8.^a Fd.
Os irmãos e a lara.

lra.

lá estou. Vendi todos os ovos. e Adeus, pri-
mo.

Farij. 2

e Adeus, priminha.

lra. Dubon. / a Farij. 1 *bravo*

Entre um momento em m.^a casa. Pri-
meiro quero fallar sem testemunhas
a m.^a mother!

lra.

A mim?

Farij. / a Dubon /

Seja digno... Sim, sim, mas nada
de talia! / a lra. /

lra.

O que tens tu? Estás amarelo!...

Dubon.

Não admira!... podia até estar de Gorta
côres.

Farij. / a janella, de fronte do publico. A p.^{ta} /

D'aqui, ouço tudo! Parece-me que vou
passar um excellente quarto d'hora!

lra. / a Dubon /

lra. e vamos; o que é que tens, disse?

Dubon.

Sr.^e, eu fui sempre um bom marido, não
é assim?

bla.
Onde queres tu chegar?

Dubon.
Sim, penso que cumpri sempre com os seus
desejos?

blara
Perdão!... sempre... sempre... isso lá é dizer
muito!

Dubon.
Quem faz o que pode, faz o que deve!

Farij. ^{parte 1}
Bem disia eu!... é divertidissimo!

Dubon.
Emfim, porque é que tu me enganaste?

Eu?

Dubon.
Sim... sei tudo!... Tenho uma prova es-
magadora, ~~irrefutabilissima!~~

Uma prova?

Dubon.
Esta carta anonyma sem assignatu-
ra.

bla.
Oh! quem te deu essa carta?

Dubon.
et Providencia!
Farij. ^{parte 1}
Porque me chama elle Providencia?

Dubon.
Atrever-te-haz a negar que esta lettra
é tua?

ela.
váio. É minha.

Dubon.
Infame!

ela.
Idiota!

Dubon.
Nem?

ela.
Essa carta foi eu que a escrevi, mas por
conta alheia.

Dubon.
Alheia? Alheio estou eu.

ela.
Foi uma amiga m.^a que me pediu que
a escrevesse.

Dubon.
Uma amiga! Quem foi?

ela.
Quem foi? váio quero dizer. t'ó.

Dubon.
váio queres? Então é que estás culpa-
da!

ela.
Pois bem, digo-te, mas has de guardar
segredo.

Dubon.
Tanto quanto puder.

ela.
Foi a prima Theodora.

Farij. [apto]
ella a mulher!

Dubon.
e a mulher de Shimoteo!.. E'boa! Ah! ah! ah!
e elle ainda agora que elle achava tanta
graça! Ah! ah! ah! / ri muito!

Farij. / apto!
Que idiota! que acha elle n'isto para
rir? / rae puto! e não ria, sen mal creado! 3

Oz 2.
a Shimoteo!

Farij.
De que se está você a rir?

Dubon.
e não faça caso!.. Isto e' nervoso!

Ola. 2
O primo ouvio?

Farij.
Tudo!.. Vou ter com m' mulher!

Ola. - 3
Então... primo..

Farij.
Ah!.. enganou-me?.. Non ser terrivel!
vou divorciar-me! / rae! FE

Dubon.
bore atraz d'elle!.. não o deixes sozinho!

Ola.
Ah! meu Deus! que tragedia! / barra com Lu-
divina que entra! FE

1 Scena 7.
Dubonnet, Clara, Ludivina

Lud.
 Eu queria uma dúzia d'ovos.

ble.
 agora não pode ser! Uma tragedia! 76

Lud. *dize*
 a que é que ella tem? A' sr̃r Dubonnel,
 dá-me ovos?

Dubon. *p. 2*
 ovos? Não p^ode ser! Duas tragedias!
 / ~~até~~ / Vou ver o que é feito de Arthur! / ~~até~~

SCENA 5.
 Ludivina, dep. Bicoquet.

Lud.
 Que demonio tem esta gente? Uma tra-
 gedia, duas tragedias! / ~~até~~ / ^{até} / ~~até~~ / Hoje
 estas catastrophes, que se tem passado des-
 de hontem, tem-me feito mal ao estoma-
 go! Quando me lembro do perigo que
 corri com esse terrivel Bicoquet! Toda
 a noite estive a sonhar com elle!
 appareceu-me sob o aspecto d'un gi-
 gente enorme! agarrou-se a mim...
 arredu!... que sonho tão extraordinario...
 Passei um momento terrivel, mas ao
 mesmo tempo agradavel! / ^{até} / ~~até~~ / ^{até} / ~~até~~ / ~~até~~ /
 visto que não ha ninguem que me dê
 os ovos, vou eu mesma buscar-os. Não
 posso estar aqui a' espera todo o dia!

Bico / dentro /

Quem vem lá?

Lud.

Ah! / sai / Ah! .. ai! .. Esta voz... na capoeira...

Bico / saindo /

Viram-me!.. Quem será?.. Ah! a estalajadeira! A medonha estalajadeira!

Lud.

Elle!.. e'elle!.. O gigante!

Bico

Infernal velha!.. se fallas estrangulote!

Lud.

Ah! / desmaia /

Bico

Desmaiou! Bello! vou amordaça-la, amordaça-la e deita-la ali para um canto! Quando se entrou na senda do crime...

Dubon. / dentro /

Bom, bom! isso vale melhor; não é nada!

Bico.

Vem gente! Toca p.^o a capoeira! / entra no galinhão /

Scena 9^a

3 D.A.

Ludovina / desmaiada / Dubonnet, Eliza

Dubon. / entra. com Bonnet. com Eliza /

Esta' melhor o menino Arthur. D'aqui a um quarto d'hora esta' secco. / vendo Lud. /

8
O que vem a ser isto?

Eliz. # 3

A sr^{ta} Ludovina desmaiada. (bata-lhe nas mãos)

Os 2.

Sr^{ta} Ludovina! O sr^{ta} Ludovina!

Lud. 2

Hein! o que foi? Onde estou eu?

Eliz.

O que é que tem?

Lud.

Fui assassinada!

Dubon.!

Assassinada? Porquem?

Lud. he indigreda

Porquem? Inda o pergunta? Com um
Vicoquet por ali a's soltas, quem me
havia de assassinar?

Eliz.

Vicoquet?

Lud. deu-me

Eu ia buscar ovos... abro a capoeira...
estarro n'um gallo e n'elle!... O mon-
stro!... atira-se a mim com os olhos a
satirem-me pela cara fora; diz rugin-
do: - Vou-te estrangular! Lanca-me as
manoplas do pescoço... e depois, não
sei mais o que se passou!

Dubon.

era capoeira!

Lud.

Entretanto, tenho uma vaga ideia que
elle abusou da situação!

Eli.
Abusou?... como?

Lud.
Sim, eu estava desmaiada... nada de
fendia a m.^a virtude!..

Dubon.
Pra aduz.' Hea certas virtudes, que não
precizam ser defendidas!

Eli.
E a sua e' desse numero.

Lud.
Muito obrigada! ellas não conhecem
bem aquelle malvado! e' a segunda
vez que a m.^a honra esta' nas mãos
d'elle!

Dubon.
Deixe-se de tolices.' pode estar descausa-
da! Toto não e' elle! não cahia n'
uma d'essas! ellas vioo na capoeira?
Estara' la' ainda?

Lud.
Não sei; va' ver.

Dubon.
Ou?

Eli. p.¹
Eu vou.

Lud. p.²
Tome sentido, menina!

Eli.
Eu cá não tenho medo... / Atte 1 e não

veja ninguém. / Vai-se a dentro / crão se mecha!
pecha a porta / Viu-se descoberto, naturalm^{te}
fugio. Lud.

Quando penso que essa fera anda a col-
ta, e que uma fraca mulher como eu
esta' exposta... Credo! cujo vento!

Dubon.
Sou a companhia a até ao meu barco;
não tenha medo.

Lud.
Eu, com estas coizas, sou capaz de ficar
idiota! / ram / 78.

Scena 10.
Eliza, dep^o Arthur.

Eliz. disputa / 8
Vamos dar-me fuga.

Arth. 2
Ah! agora já estou melhorinho!

Eliz. se
Arthur!

Arth.
Eliza!... agora nós!

Eliz.
Falle, Arthur!

Arth.
Ja' me não ama Eliza?

Eliz.
crão sur. já o não amo.
Arth.

Arth.
É uma então um Toi coquet, um assassino?

Eli.
Um heroe!

Arth.
Eu, para si, em vista d'isso, já não passo
d'um insignificante insecto.

Eli.
Exactamente, Arthur.

Arth.
E elle, o que é?

Eli.
Elle! É um homem superior! Um homem
luminoso! Resoluto, audaz, energico!
Um homem insulta-o! Láz! mata-o!
Matou boeard!

Arth.
Isso é o que não se sabe ainda! Elle ne-
gou-o diante de toda a gente.

Eli.
Elleas confessou-o a mim!

Arth.
Tanfarronada para lhe ser agradavel!
Penas de pavão! Não ha provas: o cor-
po da victima não apparece. É um
falso assassino!

Eli.
Pois seja! Dou de barato tudo isso, que
não matasse boeard; mas a si, atiron-
o pela janella fora! Isso não pode
negar!... vi eu. É agora o que diz?

Arth.

Digo que atirar-me da janella abaixo é um crime vulgar, e sem importancia. Em primeiro lugar, eu provoquei-o; e depois, não me fez mal nenhum, e a prova é que estou vivo e são!

Eli.

Pois sim; mas, está vivo porque sabe nadar.

Arth.

Elle devia ter previsto isso. Não sabe do seu officio! Devia ter-me assassinado, depois amarrado, e depois, então atirado ao charco, porque se me tivesse morto, ainda que eu soubesse nadar, naturalmente não me salvaria. Um assassino tel-o-hia feito assim! Elle não passa d'um curioso, d'um assassino amador, indigno do seu amor, e da sua admiração!

Scena II.

Os m^{mes}, Bicoquet, de^s Dubonnel.

F. 6

Bico / seindo da capoeira /

Elle entra! Calumnia!

Arth. 3

Elle!

Eli. / parte /

Impudente!

Bico / a Arthura /

Pois atreves-te a desprestigiar-me diante
d'ella?!

Arth. / com animação!

Sim... tu não passas d'um assassino
portico... d'um facinora de contrabando...
tu, nem sequer és capaz de matar uma
galinha!

Bico.

elkizeravel calumniador!... Não levar-
te aos tribunaes por diffamação!

Arth.

Tu não passas d'um burquer metido
em bolandas!

oli.

Bicoquet!.. defenda-se!.. Elle atreve-se
a dizer que o srn não matou Cocaró!

Bico

é falso! é a inveja, e' o ciuime que o faz
fallar!

Arth.

Pois, então, se é verdade, conte lá como
foi que o matou.

Bico.

como foi que...

Arth.

Ah! atrapalha-se!

Bico.

erão me atrapalho fal!..

Dubou. / no F. ap. 1

a 2. - 107

Oh! Bicoquet! / para crime!

Bico

Cocaró, era um dos meus empregados.

Tinha fugido, roubando-me uma coisa
muito importante! as m.^{as} joias, a m.^a ban-
gala de castão d'ouro. Eu ponho-me á
procura d'elle... encontro-o do pé do
rio... "Entrega-me já locearó o que
me roubaste, ou estendo-te a meus pés.
Elle recusa... e eu então... estendi-o... co-
mo acabou de o dizer.

Oli.

Bravo! bravo!

Bico

Tiro-me o que era meu, e depois com a
ponta do pé, atirei o miseravel para
as ondas mofedicas... que lá o foram
balsicando enojadas, até a amplitude
do Oceano

Dubon. parancando / a 12

Oh! então não era falso o meu depo-
mento!

Bico

et testemunha!

Arth.

Bravo! Estimo immenso ouvir-me
essa declaração diante de testemu-
nhas. Desta vez temol-o Filado, e vai
dar o seu passozinho até á Nova Ca-
ledonia!

Bico. parte /

Oh! com a breca! fallei demais!

Scena 12.

~~Eliza, Bicoquet, Dubonnet, deff. Alexandre,
Dr. Ferrissier, Lariviere, Alexandre.~~

Dubon. /a Bico /
Oh! ja' me não escapa! / mostra o par de unhas, as barbas,
e a cabruinha de Cocard / et cabo de encontrar isto
ao pé do rio.

Bico. /apto /
O meu disfarce!

Dubon.
Pegue lá' n' isto! / Da' os objectos a Eliza. et gema Bico. /
E nós vamos até a' mairie.

Bico
Pois, bem, seja! Estou farto de os aturar!
Vamos lá'!

Scena 13.

Os mesmos e Farjassier. 2

86.

Farj.
Oh! cá' está' elle!

Ohth.
Está' fillado!

Farj.
Não encontrei n' mulher em casa,
espero-a aqui para a confundir!

Dubon. /mostrando Bico /
Onde havemos, nós de metter isto?

Bico /humilhado /
Isto!

Farj.
Enquanto não veni o destacamento,
é' melhor fechar-o na sua casa.

Coli. / apre!

Ah! vou salvar-o! / entra na casa de que abre a janella!

Vico.

Pois então, fechem-me! / apre! / Será a unica
maneira de me poder evadir!

Arth. / impulindo-o!

Vamos! Para a enrovia / empurraram n'ô - Vi se
pela janella. - Vicoquet e Frajz abraçaram-se e fecharam a janella!

Dubon.

Enrovia, alto lá!

Arth.

É o termo official!

Dubon.

Ah! bom! agora uma volta á chave! / fechou!

Arth.

Eu fico de sentinella. / pega na espingarda!

Frajz.

Você vá buscar um reforço para o levar
é aqui.

Dubon.

Nou n'um pulo!.. Guardem-n'ô bem,
vejam lá! / FD!

Scena II.

Frajzassier, Arthur, def. Theodora, def. Vicoquet
e Elisa.

Frajz. / pinça a arma ao honros!

Você passie d'alli... eu passio aqui.

Arth. / parando!

Não ha outra saída, não nos pode
escapar!

Frajz. / comigo!

Como magistrado não devo deixar

fugir este homem, mas como marido
devo. Me a morte do seductor de m.
number. Se eu o deixasse safar? Oh!
perplexidade!... Fico d'arma ao hom-
bro entre o dever e a gratidão!

Theod. /£1 1 - FD.

Ora aqui me tens. Disseram-me que
andavas a' m.^a procura? O que me que-
res?

Farij. 2

Estou de sentinella a' m.^a deshonra!

Theod.

O que é que dizes?

Farij.

Gr.^a, aqui tem as cartas que a Gr.^a escre-
veu a Coearo. Theod.

A Coearo?

Farij.

A' victima!

Theod.

Eu?

Farij.

Foi a sn.^a que az diction a' sua prima
blara. /criturar ^{contra} si ni um banco rob. a juice /

Theod.

Foi ella que me disse isso?

Farij.

cráo m' o disse a mim... disse-o ao ma-
rido.

Theod. /suiciada /

Oh! /um tom / Pateta! então tu não per-
cebeste?

Farij.

cráo percebi o que?

Theob.

Não percebeste que era p.^o o tirar da pista?

Farij.

Da pista? Qual pista?

Theob.

Da pista da verdade. p. 2

Farij.

Oh! Laura lá 2 tentos! Não passo d'um pedaço d'asno! Nem de tal me tinha lembrado! Oh! ah! É claro como água! Oh! ah! Pobre Dubonnet! Estimo immenso isso!

Bico. / abre a janella com a liza. baixo!

Vamos ver da janella.

eli. / baixo!

Oh! o Arthur!

Bico. / seguindo o punko!

Oh! se eu...

eli.

Schui!... não... não faça nada!... Deixe tudo por m.^o conta.

Bico.

Mas, o que tenciona fazer?

eli.

Astucia! astucia! e sempre astucia!

Bico.

Oh! liza! *liza a!*

Arth. liz

Heim? O que é isto? Parece-me que me deram um beijo em cima da cabeça!

/continua a acentuella!

Acto II. 4

Os m^{mos}, Dubonnet, clara, dep. Ludovina
E deca est. 6

Dubon. Entrada com Clara
Preveni já todos os vizinhos.

theat. cl.

Clara.
Tecem todos medo... não querem vir.

Farij. La Dubon.
Ah! meu amigo! não imagina como
estou contente!

Dubon?
Porque?

Farij.
Não posso dizer. M'ê. apercebendo-me a mão / c'esper-
to. M'a do fundo do coração.

Dubon.
E eu também! Não calcula como estou
aliviado!

Farij.
Porque?

Dubon. Cinema
Não posso dizer. M'ô.

Farij. apete
São todos o mesmo!

Clara. abrindo a janela
O Arthur já cá não está! La Vico! Está
prompto?

Vico.
Estou... Vamos. Ma dá um murro na porta

Arthur.
O preso quer arrombar a porta!

Todos.
Quer fugir!

Farij.
Eles as pres., apertem-se! Vai chamar a pol-

a polvora.

Oh! meu Deus!

Não o deixamos sair.

Bico
Desse documento pela janela com o fido laumet e a barba de bocard.
Agora sabemos-nos subrepticamente!

Esqueceram os gendarmes.

Os gendarmes!

Oh! bocard!

bocard?!

Apanhado com a bocca na botija!

Este homem é o bocard?

J. Tanno

3 Leud.

Ó, sim, sur! Percoberco-o perfeitamente! Ó
elle, o pobre morto!

Arto 4

O morto? Mas, então, Bicoquet, não o
matou completamente?

Elisa chindo 3.ª

Como! Coard e Bicoquet serão um só?

Bico aparte

Descobriu-se a m.ª innocencia! Estou per-
dido!

Elisa

Mas, responde, Bicoquet!

Todos

Bicoquet!

Elisa

Sim, Bicoquet! Tira-lhe a barba Lá está
elle, aqui o tem.

Oh!

Todos

Theod.

Quêi um pseudonymo!

Eliz indignada

É um falso assassino!

Leud.

Um falso assassino! E eu que desde hou-
tem estou a morrer com medo d'elle!

Ferj. *Sala e duca 5*

Então, se é um assassino falso, pode-se ir
embora; está livre.

Bico a Eliz

Hoje não quer casar comigo?

Eliz

E se eu dissesse que não?

Bico.

Se dissesse q. não, eu desfa... levanta o braço

Eliz.

Oh! é grandioso! é épico! Bicoquet, dou-
lhe o meu coração, a m.^a alma, a m.^a
vida, tudo, tudo, a m.^a mão, inclusive!

Leud. apats ?

É bem feliz, esta rapariga... basa com o

meu gigante!... Com resignação Eu sim, não tenho
remedio senão contentar-me com o
menino Arthur.

E. Parma

Bico

Nos outros, agora que tudo está arranjado,
convido-os todos para o meu casa-
mento: e a' sobremaneira cantaremos
a m.^a canção celebre! canta

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

